



**TODOS  
PELA  
EDUCAÇÃO**



**Estudo**

# **Panorama do acesso à Educação Infantil no Brasil**

**AGOSTO 2025**

# Sumário

<b>Sumário executivo.....</b>	<b>3</b>
<b>1. Introdução.....</b>	<b>4</b>
<b>2. Acesso à Creche.....</b>	<b>5</b>
2.1 Acesso à Creche no Brasil.....	5
2.2 Acesso à Creche por unidade federativa (UF).....	12
2.3 Acesso à Creche por capital.....	19
<b>3. Acesso à Pré-escola.....</b>	<b>25</b>
3.1 Acesso à Pré-escola no Brasil.....	25
3.2 Acesso à Pré-escola por unidade federativa (UF).....	28
3.3 Acesso à Pré-escola por capital.....	32
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>35</b>
<b>5. Anexos.....</b>	<b>36</b>

## Sumário executivo

Este estudo do Todos Pela Educação apresenta um panorama do acesso à Educação Infantil no Brasil a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C) e do Censo Escolar.

Ele mostra que o país avançou no acesso à Creche e à Pré-escola, mas em ritmo insuficiente para atingir as metas do atual Plano Nacional de Educação (PNE), cuja vigência se encerra no final de 2025. O atendimento de crianças de 0 a 3 anos chegou a 41,2% em 2024, ainda distante da meta de 50% definida no PNE. No período analisado, de 2016 a 2024, a expansão se deu em ritmo lento, com crescimento médio de apenas 1,2 p.p. ao ano.

Além de não alcançar a meta, o Brasil teve aumento da desigualdade entre ricos e pobres no acesso à Creche. Em 2016, a diferença de acesso entre os 20% mais ricos e mais pobres era de 22 p.p. Em 2024, aumentou para 29,4 p.p. Atualmente, apenas 30,6% das crianças de 0 a 3 anos que estão entre as mais pobres são atendidas na Educação Infantil. Entre as mais ricas, a taxa é de 60%.

Atualmente, 19,7% das crianças de 0 a 3 anos estão fora da Educação Infantil por desafios de acesso. Isso corresponde a aproximadamente 2,28 milhões de crianças. O estudo mostra, ainda, que esse desafio é maior para a faixa etária de 0 e 1 ano, em que apenas 18,6% das crianças são atendidas e um a cada quatro não frequenta a Creche devido a alguma dificuldade de acesso ao serviço. Já entre crianças de 2 e 3 anos, o atendimento alcançou 62,4%, em 2024, mas ainda com 14,9% das crianças fora das Creches por enfrentar barreiras de acesso.

Em relação à Pré-escola, o Brasil chegou a 94,6% de atendimento de crianças de 4 a 5 anos. Ou seja, a universalização não foi atingida. Em 2024, mais de 329 mil crianças nessa faixa etária não estavam sendo atendidas nesta primeira etapa obrigatória da Educação Básica.

Como este estudo irá detalhar, existe uma grande desigualdade regional no acesso à Educação Infantil. Norte e Nordeste concentram os indicadores mais críticos, tanto em Creche quanto em Pré-escola. Em relação ao atendimento de crianças de 0 a 3 anos, existe uma diferença de 47,1 p.p. entre os estados com maior e menor cobertura. Em 2024, São Paulo era o estado com maior taxa de atendimento (56,8%); já o Amapá tinha a menor (9,7%).

Em termos absolutos, Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Pará, Pernambuco e Maranhão são, respectivamente, os estados com maior número de crianças de 0 a 3 anos com dificuldade de acesso à Creche. Juntos, esses seis estados representam mais da metade (51,1%) das 2,28 milhões de crianças que não estão na Creche por dificuldade de acesso ao serviço.

É urgente que a expansão do acesso à Creche e à Pré-escola seja tratada como uma prioridade no país. Garantir o direito à Educação Infantil de qualidade, com olhar atento para a redução das desigualdades é imprescindível para a construção de um país mais justo e com oportunidades para todas as crianças desde o início de suas trajetórias escolares.

# 1. Introdução

A Educação Infantil, formada pela Creche e pela Pré-escola, é a porta de entrada da Educação Básica e desempenha papel fundamental no desenvolvimento pleno das crianças na primeira infância. Apesar de não ser obrigatória, a Creche é um direito das crianças de 0 a 3 anos e, por isso, é dever do Estado atender a demanda por esse serviço. A Pré-escola, por sua vez, tornou-se obrigatória para as crianças de 4 a 5 anos, com a Emenda Constitucional nº 59/2009.

O atual Plano Nacional de Educação (PNE), cuja vigência<sup>1</sup> se encerra em 2025, tinha como metas para a Educação Infantil a universalização da Pré-escola para crianças de 4 a 5 anos até 2016 e a ampliação da cobertura da Creche para ao menos 50% das crianças de até 3 anos até 2024. Os dados mostram que, apesar dos avanços contínuos ao longo dos últimos anos, o Brasil não caminhou no ritmo necessário para atingir essas metas.

Entendendo o monitoramento do acesso à Educação Infantil como fundamental para o fortalecimento das políticas de expansão de atendimento da etapa, o Todos Pela Educação apresenta neste estudo análises feitas a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C)<sup>2</sup> e do Censo Escolar.

Além desta introdução, a seção 2 apresenta uma análise detalhada do acesso à Creche (atendimento de crianças de 0 a 3 anos), com recortes por faixa etária, renda, raça/cor, unidades federativas e capitais, destacando desigualdades de atendimento. A seção 3 trata do acesso à Pré-escola (atendimento de crianças de 4 a 5 anos), abordando sua evolução nacional e desigualdades territoriais e socioeconômicas, também com desagregações por estado e município. Por fim, são apresentadas considerações finais a partir dos principais achados do estudo.

---

<sup>1</sup> A vigência do atual PNE, inicialmente definida até o ano de 2024, foi prorrogada para o final de 2025, de acordo com a Lei nº 14.934/24.

<sup>2</sup> Utilizou-se a pesquisa anual Pnad-C Módulo Educação (IBGE) que começou a ser coletada a partir de 2016, no segundo trimestre de cada ano. Devido à pandemia de Covid-19, o IBGE não divulgou o módulo de Educação da Pnad Contínua nos anos de 2020 e 2021, por isso, não temos informações sobre os recortes nesse período. As estimativas apresentadas neste estudo levam em consideração a idade em anos completos em 31 de março, ou idade escolar, com a mesma metodologia usada pelo Inep no monitoramento do PNE; por isso, os índices podem ter pequenas diferenças em relação aos dados divulgados de forma agregada pelo IBGE.

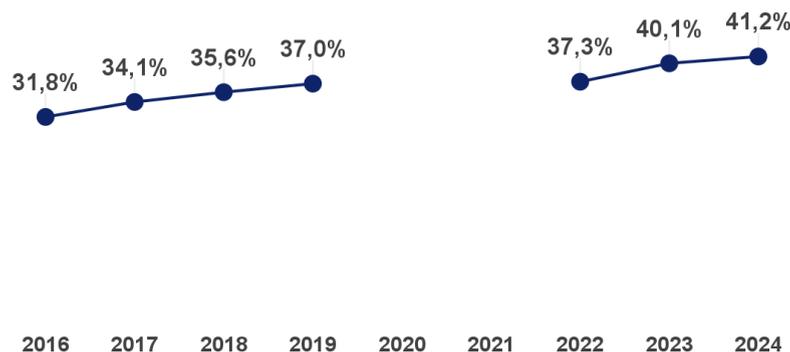
## 2. Acesso à Creche

Esta seção apresenta uma análise do atendimento de crianças de 0 a 3 anos na Educação Infantil no Brasil, faixa etária que corresponde ao atendimento em Creches. Além dos dados nacionais, são apresentadas análises dos cenários de estados e capitais brasileiras, considerando o período de 2016 a 2024. Vale ressaltar que os dados são para o total de crianças nas faixas etárias analisadas, sem distinção se o atendimento se dá na rede pública ou privada.

### 2.1 Acesso à Creche no Brasil

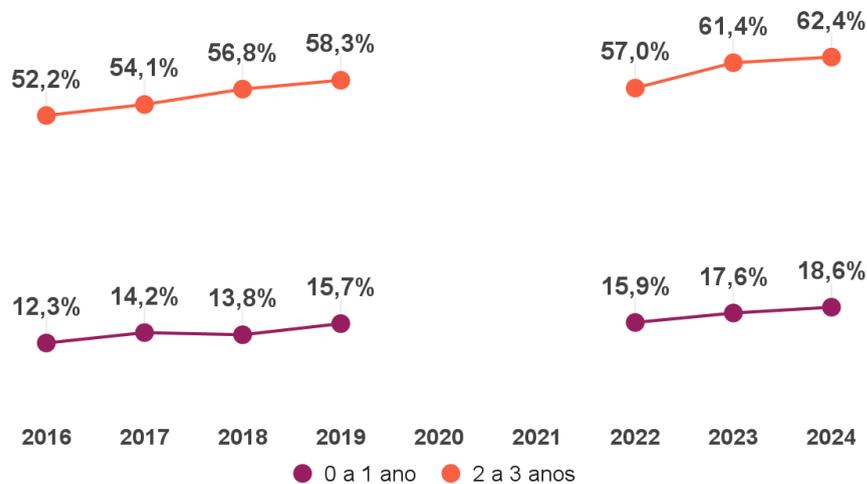
O acesso à Creche no Brasil tem crescido nos últimos anos. Conforme mostra o gráfico 1, o atendimento de crianças entre 0 e 3 anos na Educação Infantil era de 31,8%, em 2016, e alcançou 41,2% em 2024. No entanto, a média de crescimento no período analisado foi de apenas 1,2 p.p. ao ano. Dessa forma, apesar do crescimento contínuo, o ritmo de expansão ao longo desses anos não foi suficiente para atingir a meta de 50% estabelecida pelo PNE. Ao analisar o recorte por faixa etária, como mostra o gráfico 2, observa-se que o acesso é menor entre bebês de 0 e 1 ano, com uma taxa de 18,6% de atendimento e expansão de 6,3 p.p. no período analisado. Já entre as crianças de 2 e 3 anos, o atendimento aumentou 10,2 p.p., alcançando 62,4% em 2024.

**Gráfico 1: Evolução da taxa de atendimento de crianças de 0 a 3 anos na Educação Infantil (2016-2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

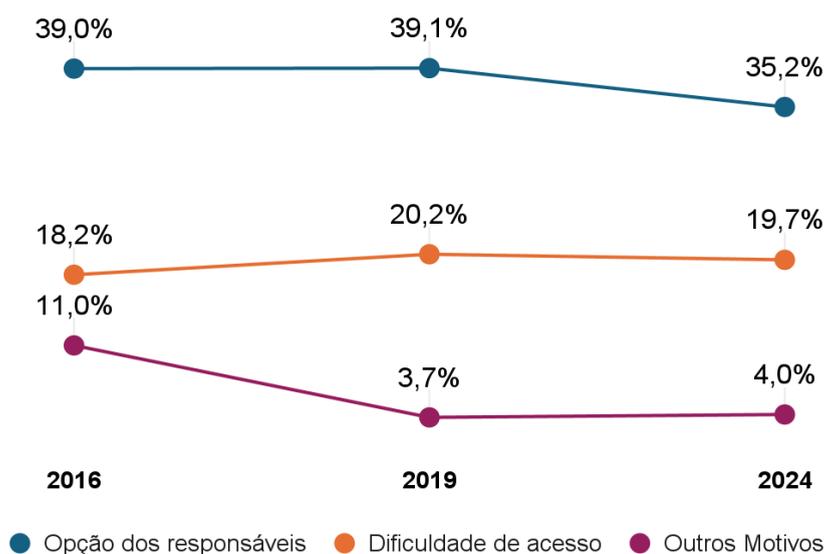
**Gráfico 2: Evolução da taxa de atendimento de crianças de 0 a 3 anos na Educação Infantil por faixa etária (2016-2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

Considerando que a Creche não é uma etapa obrigatória, é fundamental analisar os motivos pelos quais as crianças não estão matriculadas. Como mostra o gráfico 3, em 2024, 35,2% das crianças de 0 a 3 anos não acessavam esse serviço por opção dos responsáveis. No entanto, entre 2016 e 2024, houve aumento na proporção de crianças que, apesar de a família indicar necessitar do serviço, não frequentavam a Educação Infantil por alguma dificuldade de acesso – como falta de vaga, distância da residência ou recusa no atendimento devido à idade. Em 2016, esse era o motivo para 18,2% das crianças de 0 a 3 anos não frequentarem; em 2024, essa taxa chegou a 19,7%.

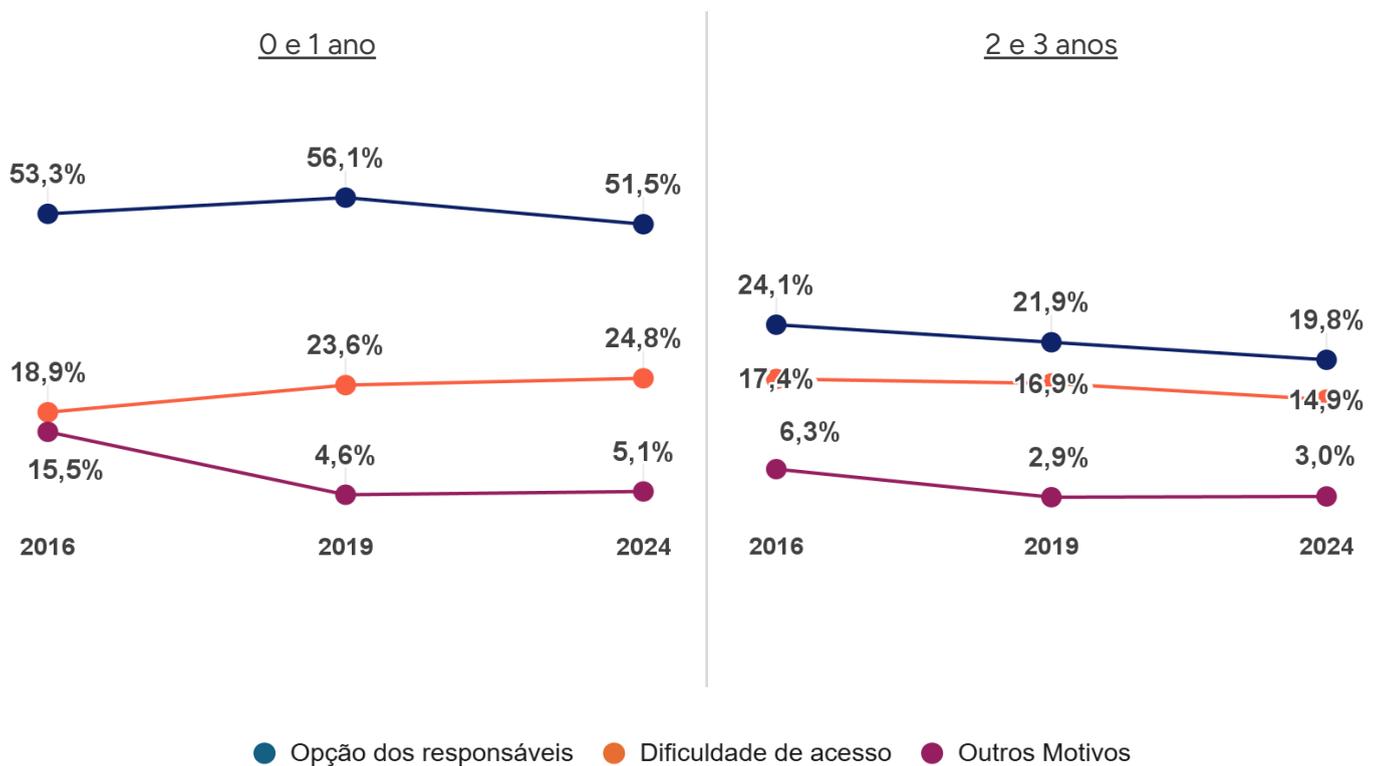
**Gráfico 3: Motivos de não frequentar a Educação Infantil entre crianças de 0 a 3 anos (2016-2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação. Dificuldade de acesso definida por: falta de escola/creche ou escola distante; falta de vaga na escola/creche; a escola/creche não aceita a criança por causa da idade. Outros motivos incluem: falta de qualidade ou segurança das creches para crianças com deficiência; problema de saúde permanente da criança; falta de dinheiro para mensalidade, transporte, material escolar etc.

O gráfico 4, por sua vez, mostra que o acesso à Creche é um desafio maior, e crescente, para o grupo de 0 e 1 ano, apesar de muitos municípios brasileiros realizarem atendimento na Educação Infantil a partir de idades entre 3 e 6 meses (43,3% dos municípios)<sup>3</sup>. De acordo com os dados, 24,8% dos bebês de 0 e 1 ano estavam fora da Creche por alguma dificuldade de acesso em 2024 – quase 6 p.p. a mais do que o registrado em 2016. Em relação às crianças de 2 e 3 anos, essa proporção é de quase 15% e a dificuldade de acesso vem diminuindo no período analisado.

**Gráfico 4: Motivos de não frequentar a Educação Infantil por faixa-etária (2016-2024)**

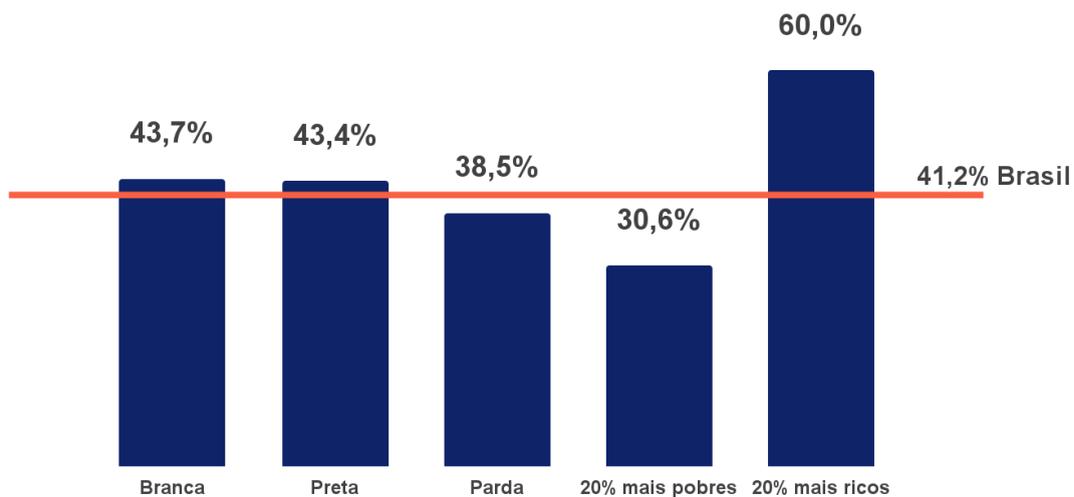


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação. Dificuldade de acesso definida por: falta de escola/creche ou escola distante; falta de vaga na escola/creche; a escola/creche não aceita a criança por causa da idade. Outros motivos incluem: falta de qualidade ou segurança das creches para crianças com deficiência; problema de saúde permanente da criança; falta de dinheiro para mensalidade, transporte, material escolar etc.

<sup>3</sup> Levantamento nacional *Retrato da Educação Infantil*, realizado em 2024 pelo Ministério da Educação e pelo Gaepe-Brasil, a partir de dados autodeclarados pelos municípios. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnei/RelatriodeConsolidaoRetratoEIMEC.pdf>

Os dados também revelam grande desigualdade de atendimento por nível socioeconômico, como é possível observar no gráfico 5. O Brasil enfrenta um enorme desafio quando se compara o atendimento de crianças de 0 a 3 anos que estão entre os 20% mais pobres e os 20% mais ricos da população<sup>4</sup>. A diferença entre esses dois grupos é de 29,4 p.p. No quintil de menor renda, apenas 30,6% das crianças de 0 a 3 anos estão na Educação Infantil, 10,6 p.p. abaixo da média nacional. Já no grupo de maior renda, a taxa de atendimento é de 60%.

**Gráfico 5: Taxa de atendimento de crianças de 0 a 3 anos na Educação Infantil por recortes de renda e raça/cor (2024)**

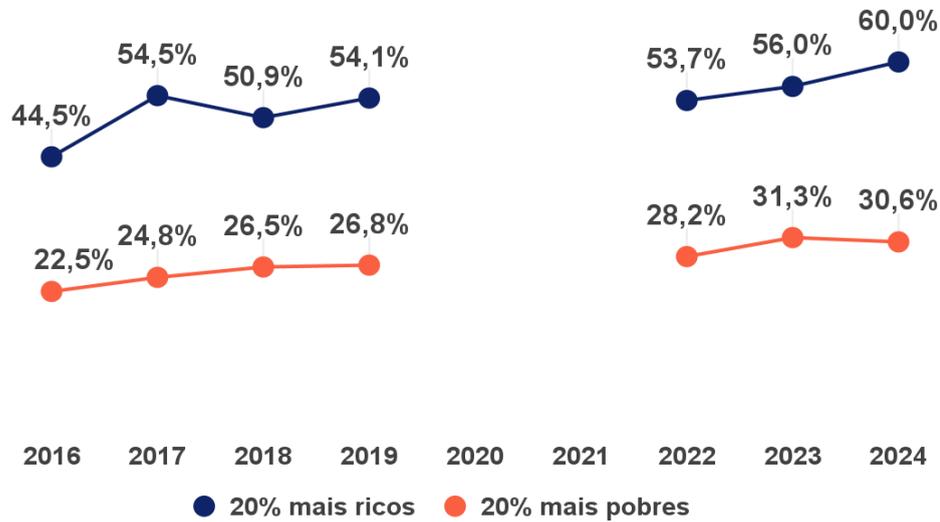


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

Além de ser muito alta, a desigualdade entre os mais ricos e os mais pobres no acesso à Creche vem aumentando, como mostra o gráfico 6. Em 2016, a diferença entre esses grupos era de 22 p.p., chegando aos atuais 29,4 p.p. em 2024. Isso porque a taxa de atendimento em Creches dos 20% mais ricos está crescendo de forma mais acelerada do que a dos 20% mais pobres (9,6 p.p. entre 2016 e 2019 e 6,3 p.p. entre 2022 e 2024, versus 4,3 p.p. entre 2016 e 2019 e 2,4 p.p. entre 2022 e 2024).

<sup>4</sup> Para esta faixa etária, segundo a Pnad-Contínua, a renda mensal per capita do quintil inferior (de renda) é menor ou igual a R\$ 400,00, enquanto do quintil superior é igual ou maior que R\$ 1.600,00.

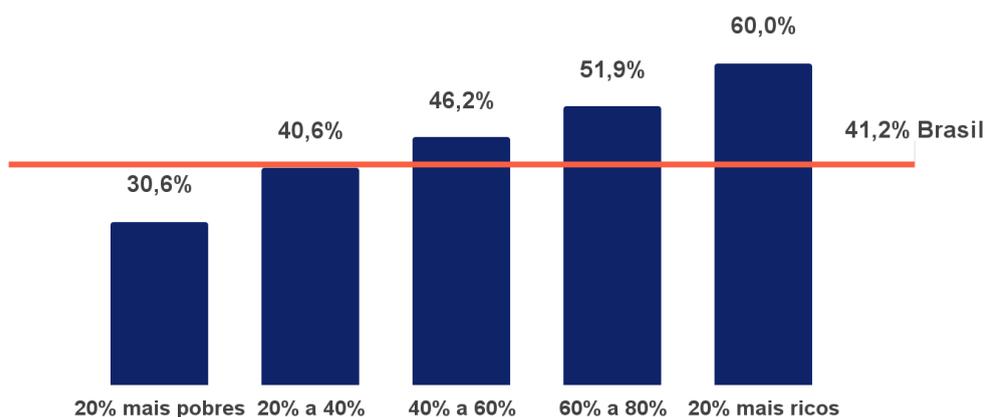
**Gráfico 6: Evolução da taxa de atendimento de crianças de 0 a 3 anos na Educação Infantil por quintis opostos de renda (2016-2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

O gráfico 7, por sua vez, mostra como o acesso à Educação Infantil é maior conforme o nível de renda é mais alto, ressaltando a importância do olhar para as desigualdades socioeconômicas.

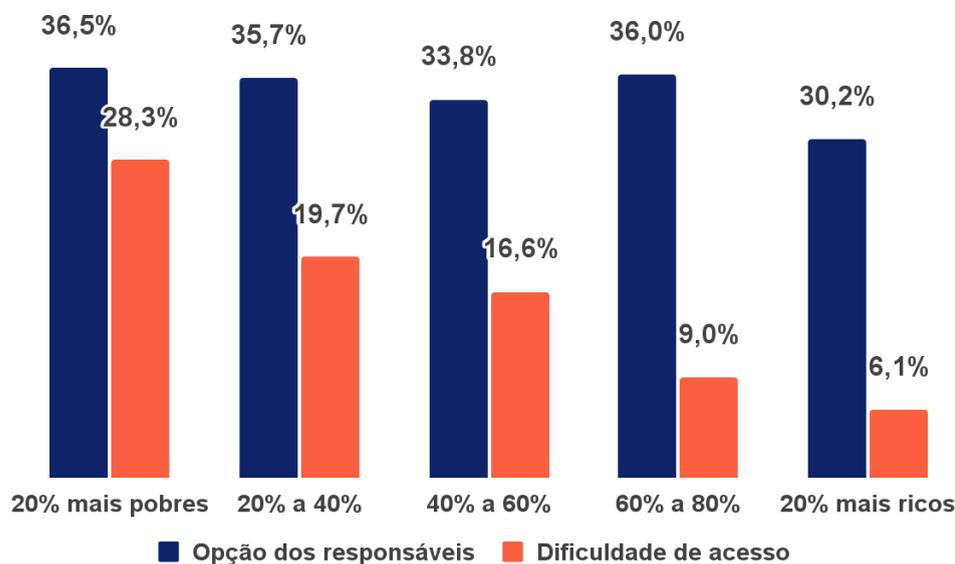
**Gráfico 7: Taxa de atendimento de crianças de 0 a 3 anos na Educação Infantil por quintis de renda (2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

Como é possível observar no gráfico 8, a proporção de crianças de 0 a 3 anos que não frequentam a Educação Infantil por escolha dos responsáveis é relativamente parecida em todos os quintis de renda. No entanto, existe uma grande diferença na proporção de crianças que não frequentam o serviço por dificuldade de acesso. Quanto menor a renda, maior a porcentagem de crianças que, embora demandem o serviço, não conseguem ter acesso.

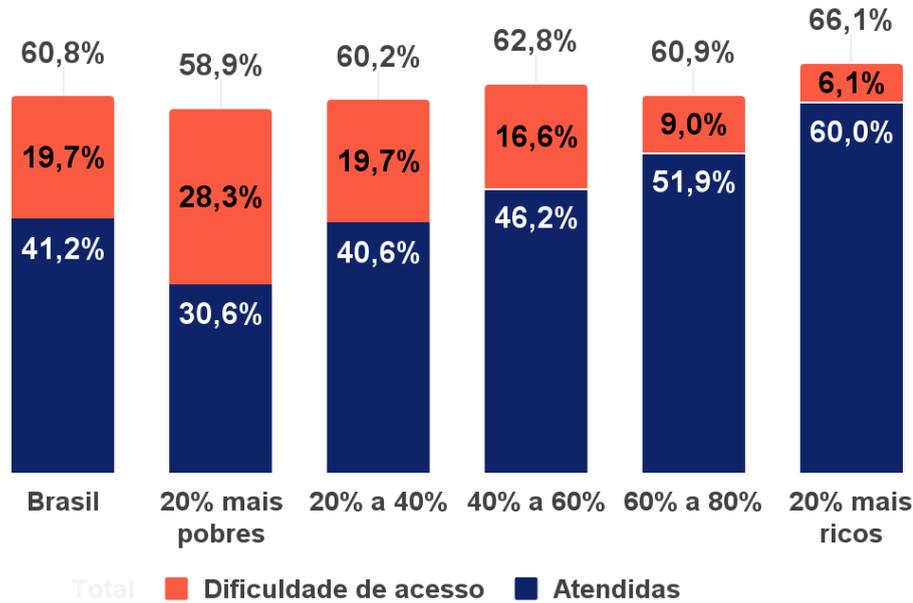
**Gráfico 8: Motivos de não frequentar a Educação Infantil para crianças de 0 a 3 anos por quintil de renda (2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Phad-C). Elaboração: Todos Pela Educação. Dificuldade de acesso definida por: falta de escola/creche ou escola distante; falta de vaga na escola/creche; a escola/creche não aceita a criança por causa da idade.

Dado que a Creche não é uma etapa obrigatória, mas que havendo demanda deve ser atendida pelo poder público, para se chegar em uma demanda estimada pelo serviço pode-se somar a taxa de atendimento com o percentual de crianças que estão fora da Educação Infantil por alguma dificuldade de acesso. A partir dessa análise, percebe-se que, apesar das crianças das famílias mais ricas terem maior taxa de atendimento, a demanda estimada é bastante parecida entre todas as faixas de rendimento. Ou seja, a necessidade ou interesse por atendimento de crianças de 0 a 3 anos é relativamente semelhante nos diferentes níveis de renda, mas os mais pobres têm maior dificuldade de ter sua demanda atendida, como pode ser observado no gráfico 9.

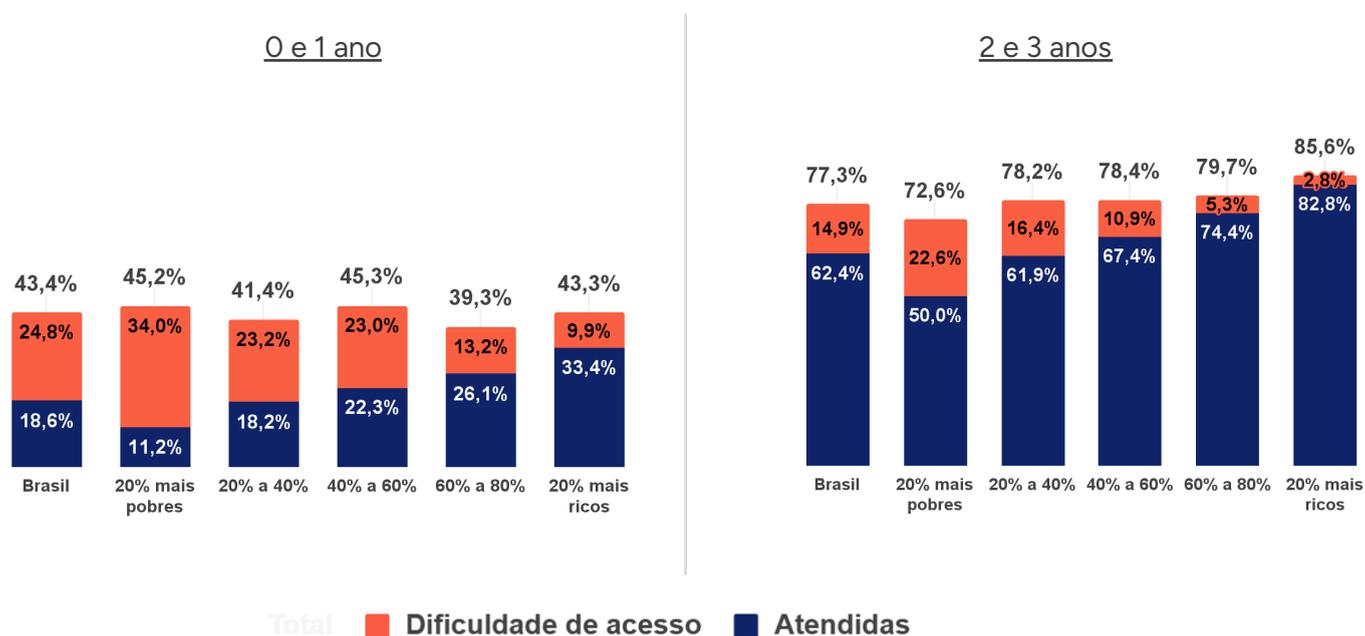
**Gráfico 9: Demanda estimada de atendimento para crianças de 0 a 3 anos na Educação Infantil por quintil de renda (2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação. Dificuldade de acesso definida por: falta de escola/creche ou escola distante; falta de vaga na escola/creche; a escola/creche não aceita a criança por causa da idade.

Por fim, o gráfico 10 mostra como a demanda estimada se comporta de maneira semelhante entre os diferentes quintis de renda tanto para o grupo de 0 e 1 ano quanto para 2 e 3 anos - mas com grandes diferenças na proporção de crianças que não frequentam por dificuldade de acesso. No recorte de 0 e 1 ano, por exemplo, entre os 20% mais pobres, a demanda estimada é de 45,2%, no entanto, apenas 11,2% são atendidos atualmente. Já entre os 20% mais ricos, a demanda estimada é de 43,3%, com taxa de acesso de 33,4%. É possível observar também que, entre os mais ricos, a demanda na faixa etária de 2 e 3 anos está muito próxima de ser totalmente suprida, com apenas 2,8% de crianças com dificuldade de acesso. Por outro lado, no grupo de menor renda, ainda há 22,6% de demanda não atendida.

**Gráfico 10: Demanda estimada de atendimento na Educação Infantil por faixa etária e quintil de renda (2024)**

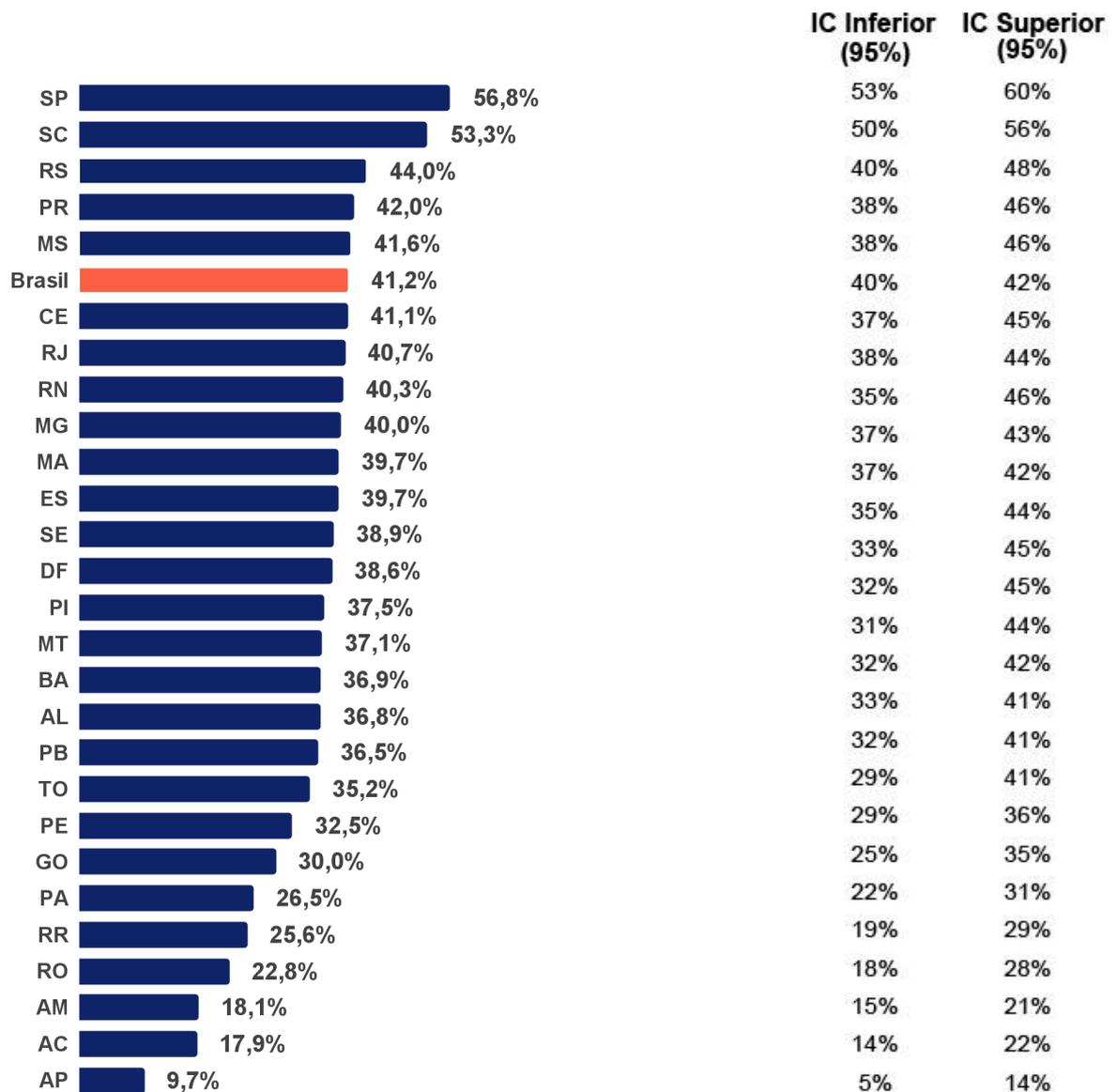


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação. Dificuldade de acesso definida por: falta de escola/creche ou escola distante; falta de vaga na escola/creche; a escola/creche não aceita a criança por causa da idade.

## 2.2 Acesso à Creche por unidade federativa (UF)

Nesta seção, são apresentados os dados de atendimento de crianças de 0 a 3 anos por unidade federativa (UF). Como nessa desagregação a margem de erro da Pnad-Contínua (IBGE), que é uma pesquisa amostral, é mais elevada do que nos dados nacionais vistos na seção anterior, os resultados são trazidos junto a seus intervalos de confiança (IC) de 95%. Esse intervalo significa que, se a pesquisa fosse repetida muitas vezes, em 95 de cada 100 vezes os resultados cairiam dentro da faixa que o IBGE apresenta.

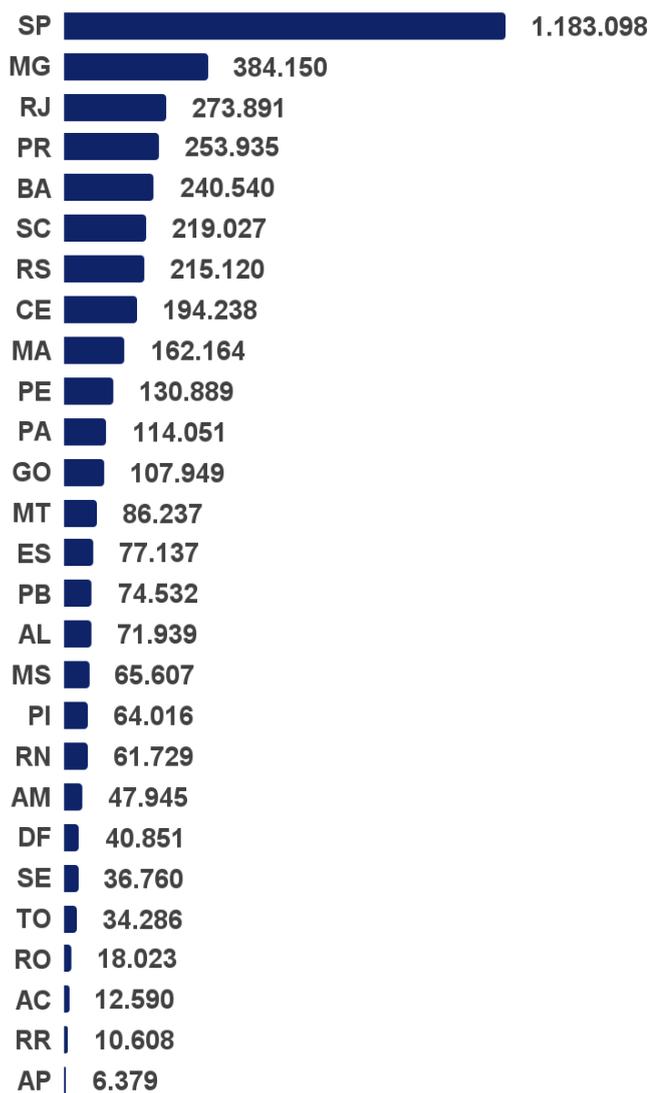
Os dados de atendimento de crianças de 0 a 3 anos por unidade federativa (UF) mostram uma ampla desigualdade de acesso à Creche entre os estados brasileiros, refletindo desigualdades regionais históricas. Em 2024, São Paulo e Santa Catarina eram os estados com maiores taxas de atendimento, sendo os únicos com taxa de atendimento acima de 50%, como pode ser observado no gráfico 11.

**Gráfico 11: Taxa de atendimento de crianças de 0 a 3 anos na Educação Infantil por UF (2024)**


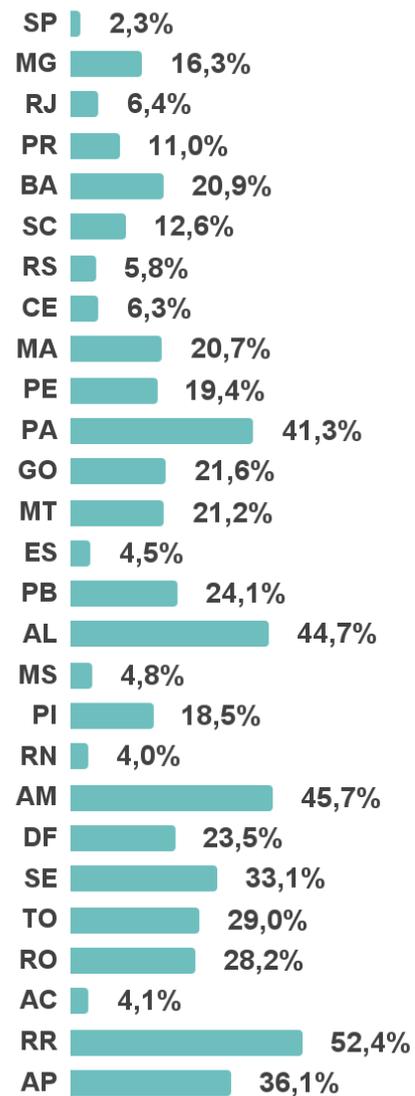
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

A partir dos dados do Censo Escolar, é possível observar o esforço que foi empreendido pelos sistemas de ensino de cada unidade federativa de 2019, ano pré-pandemia, até 2024, no que diz respeito à expansão do número de matrículas em Creche, públicas e privadas. Como mostra o gráfico 13, todos os estados ampliaram a sua oferta de Creche nos últimos 5 anos, embora em ritmos bastante distintos.

**Gráfico 12: Número de matrículas em Creche por UF (2024)**



**Gráfico 13: Evolução do número de matrículas em Creche por UF, 2019-2024 (em %)**



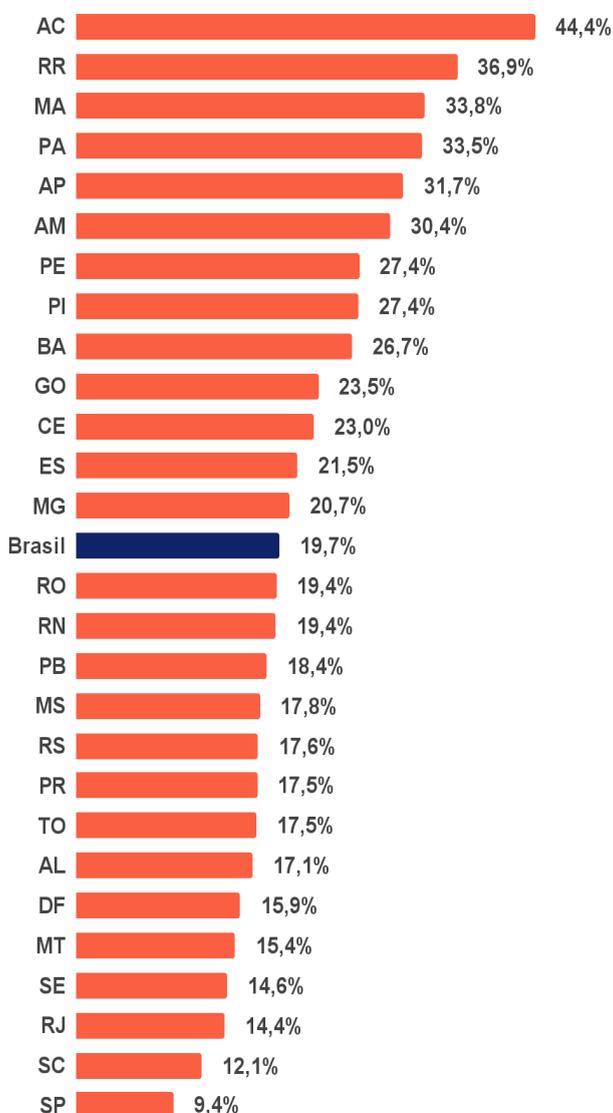
Fonte: Censo Escolar da Educação Básica (Inep). Elaboração: Todos Pela Educação.

Apesar da expansão do atendimento de crianças de 0 a 3 anos na maior parte das unidades federativas, ainda há um grande percentual de crianças que estão fora da Creche por alguma dificuldade de acesso – como falta de vaga, distância da residência ou recusa no atendimento devido à idade. Isso pode ser visto no gráfico 14.

Os estados do Norte e do Nordeste, que no geral possuem menores taxas de atendimento, apresentam os maiores percentuais de crianças com dificuldade de acessar a Educação Infantil. Contudo, mesmo os estados que possuem percentual de atendimento mais alto ainda precisam expandir a oferta de modo a atender a toda demanda – em São Paulo e Santa Catarina, por exemplo, estados com maior taxa de cobertura para crianças de 0 a 3 anos, ainda há, respectivamente, 9,4% e 12,1% das crianças que não frequentam a Creche por dificuldade de acesso.

Nesse sentido, dadas as diferenças demográficas de cada estado, é importante observar também os números absolutos de crianças cujas famílias indicam demandar o serviço de Creches, mas encontram dificuldade no atendimento. Como é observado no gráfico 15, Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Pará, Pernambuco e Maranhão são, respectivamente, os estados com maior número absoluto de crianças de 0 a 3 anos com dificuldade de acesso à Educação Infantil. Juntos, esses seis estados representam mais da metade (51,1%) da demanda por creche não atendida no país, que atualmente é de mais de 2,28 milhões de crianças.

**Gráfico 14: Crianças de 0 a 3 anos com dificuldade de acesso à Creche por UF (2024 - em % - intervalos de confiança no Anexo)**

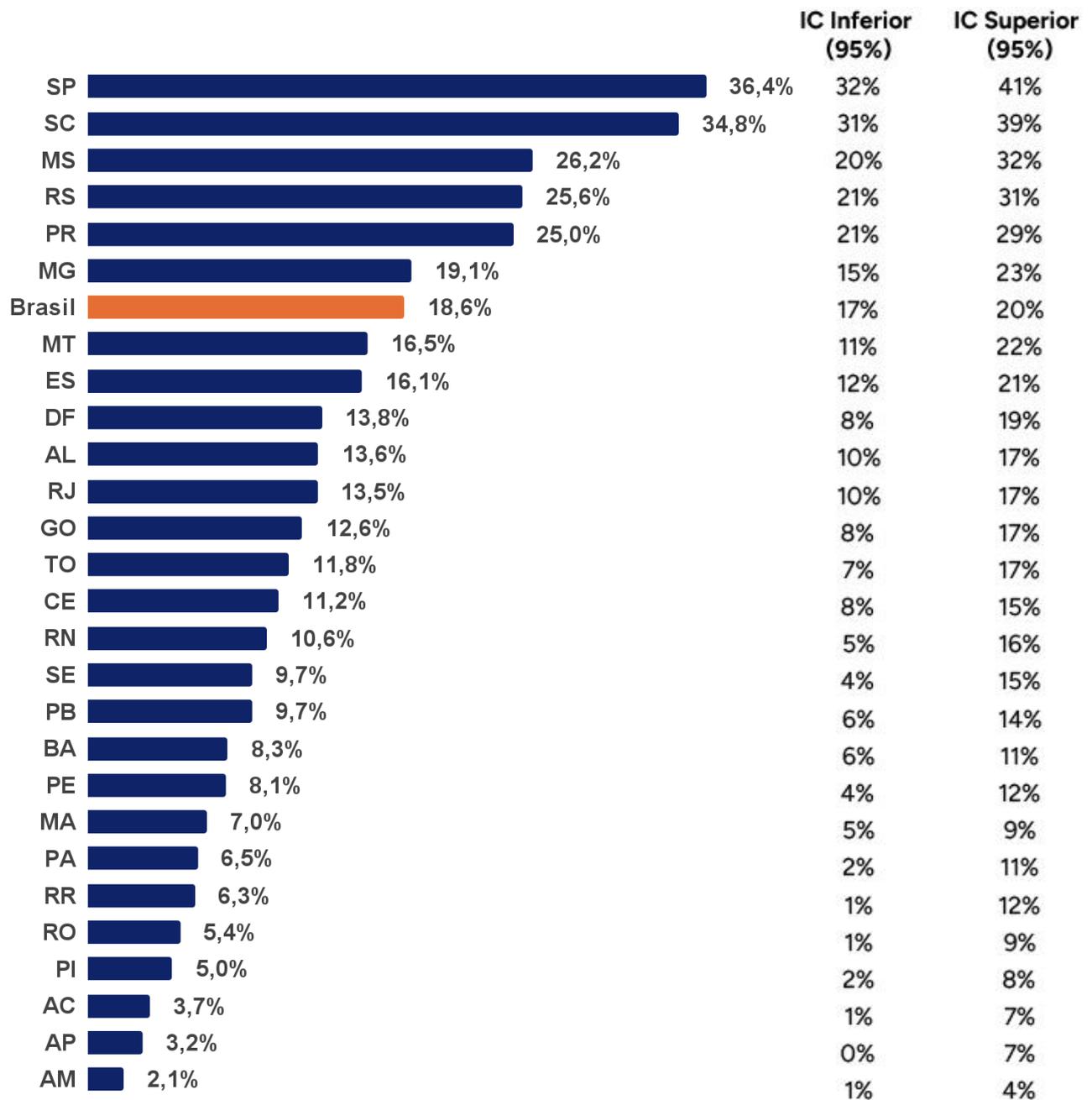


**Gráfico 15: Estimativa do número de crianças de 0 a 3 anos com dificuldade de acesso à Creche por UF, em milhares (2024)**



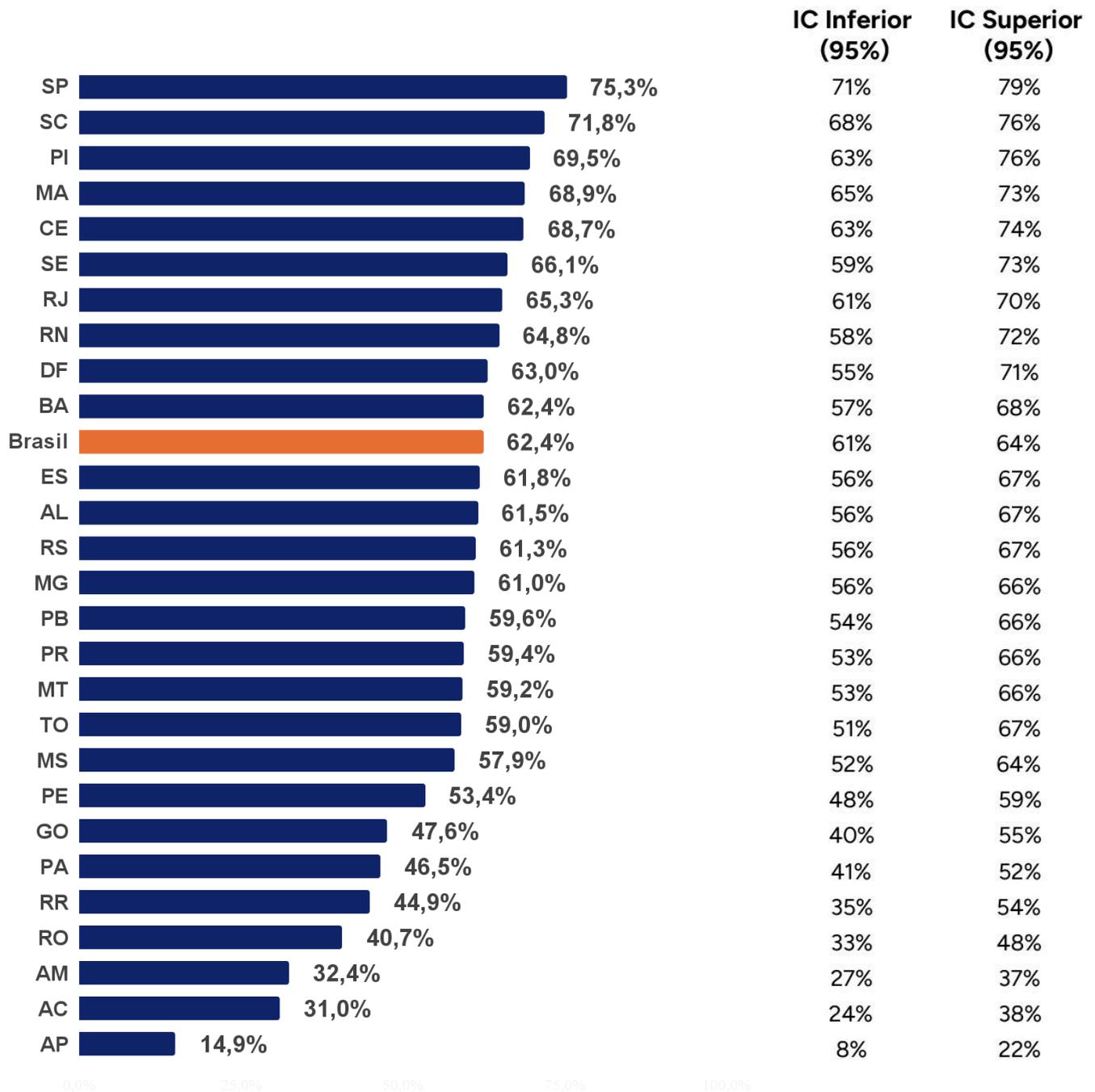
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação. Dificuldade de acesso definida por: falta de escola/creche ou escola distante; falta de vaga na escola/creche; a escola/creche não aceita a criança por causa da idade.

Complementando essas análises, os gráficos 16 e 17 apresentam, respectivamente, as taxas de atendimento para duas faixas etárias: 0 e 1 ano e 2 e 3 anos. Destaca-se que 12 estados têm menos de 10% de bebês de 0 e 1 ano atendidos na Creche, enquanto 5 estados atendem pelo menos 25% deles. Como já apresentado no gráfico 4, o Brasil ainda possui 24,8% de crianças na faixa etária de 0 e 1 ano que estão fora das Creches por dificuldades de acessar o serviço.

**Gráfico 16: Taxa de atendimento de crianças de 0 e 1 ano na Educação Infantil por UF (2024)**


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

Gráfico 17: Taxa de atendimento de crianças de 2 e 3 anos na Educação Infantil por UF (2024)



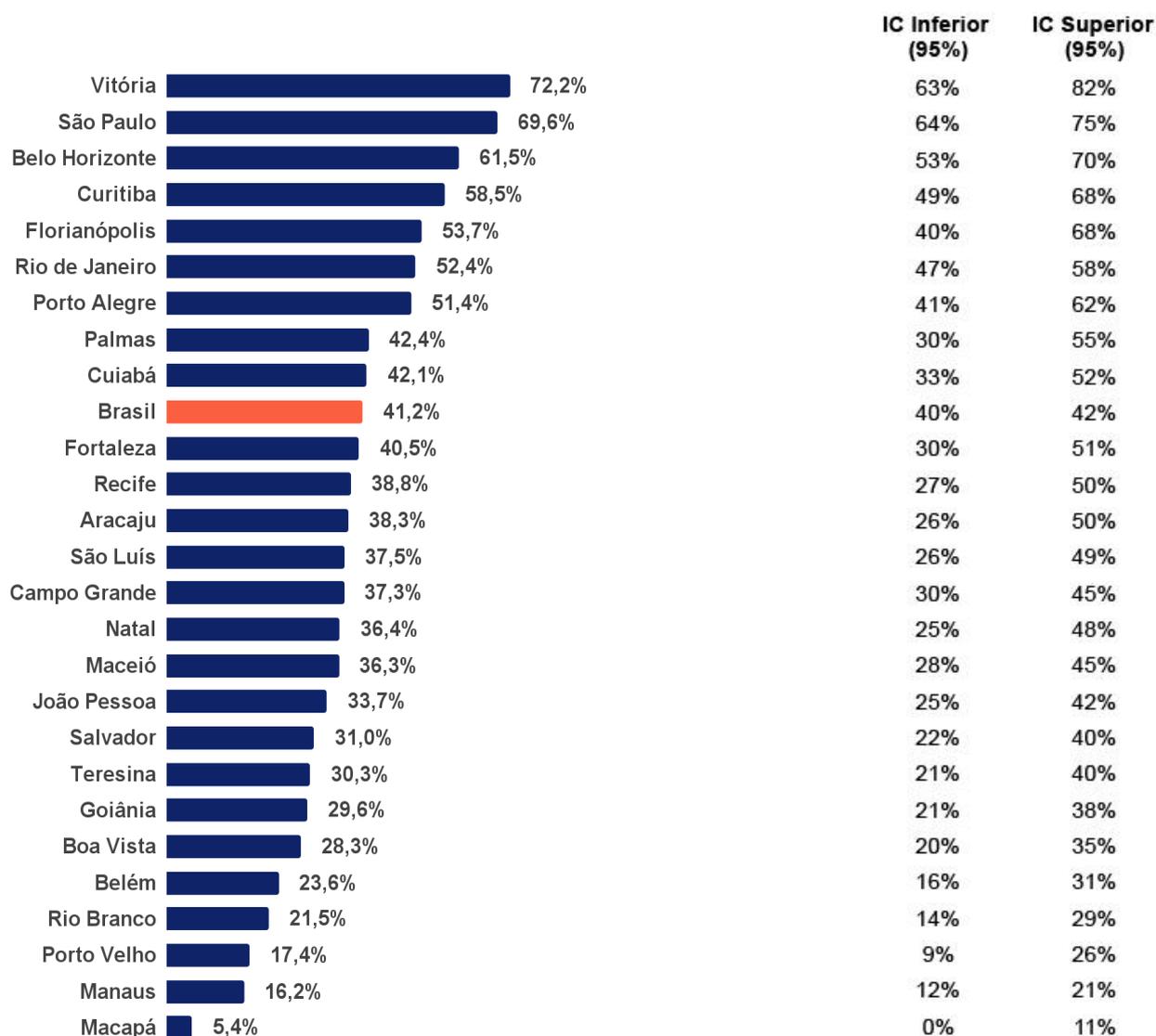
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

## 2.3 Acesso à Creche por capital

Nesta seção, são apresentados os dados de atendimento de crianças de 0 a 3 anos por capital. Assim como nos dados por unidade da federação, os resultados são trazidos junto a seus intervalos de confiança de 95%. Esse intervalo significa que, se a pesquisa fosse repetida muitas vezes, em 95 de cada 100 vezes os resultados cairiam dentro da faixa que o IBGE apresenta. Vale ressaltar que isso precisa ser considerado nas comparações entre cidades, que devem ser feitas com a devida cautela.

A desigualdade regional encontrada a partir da análise das unidades federativas também se reflete na comparação entre as capitais brasileiras. As capitais do Sudeste e do Sul têm percentuais mais elevados de atendimento, já as capitais do Norte, de modo geral, apresentam um cenário mais desafiador, como mostra o gráfico 18.

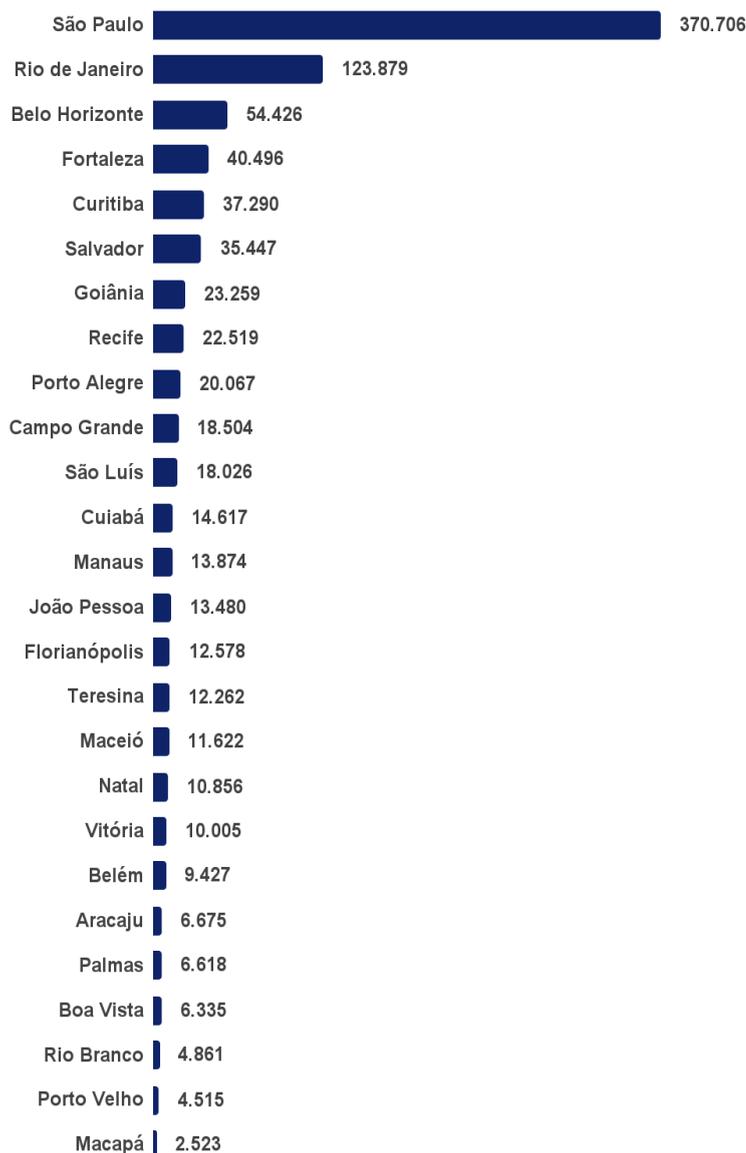
**Gráfico 18: Taxa de atendimento de 0 a 3 anos na Educação Infantil por capital (2024)**



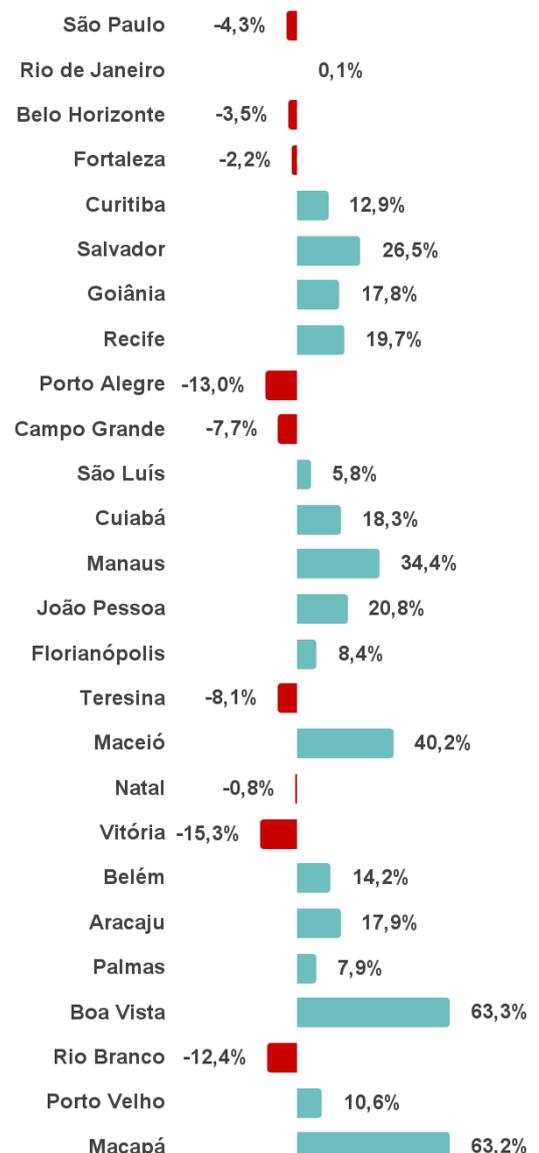
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

A partir dos dados do Censo Escolar, é possível observar o esforço que foi empreendido pelas capitais de 2019, ano pré-pandemia, até 2024, no que diz respeito à expansão do número de matrículas em Creche. Isso é apresentado no gráfico 20, que considera matrículas em creches públicas e privadas.

**Gráfico 19: Número de matrículas em Creche por capital (2024)**



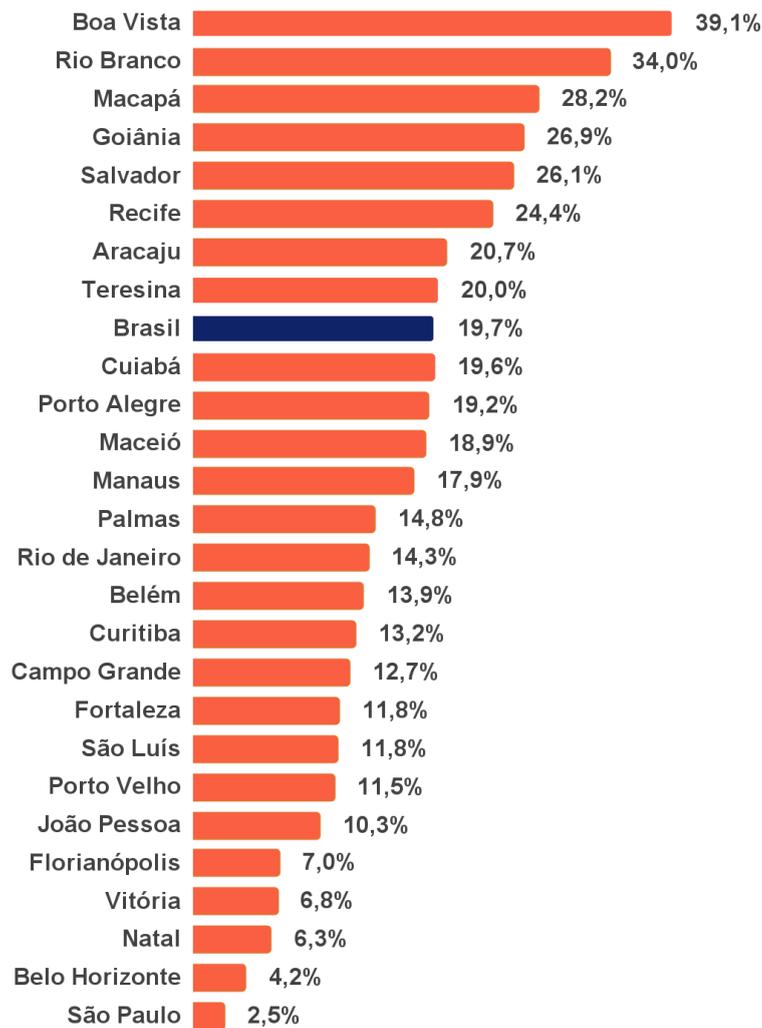
**Gráfico 20: Evolução do número de matrículas em Creche por capital, 2019-2024 (em %)**



Fonte: Censo Escolar da Educação Básica (Inep). Elaboração: Todos Pela Educação.

O gráfico 21, por sua vez, apresenta o percentual de crianças que estão fora da Creche por dificuldade de acesso nas capitais brasileiras. São Paulo e Belo Horizonte são as capitais que possuem o menor percentual de crianças nesta situação.

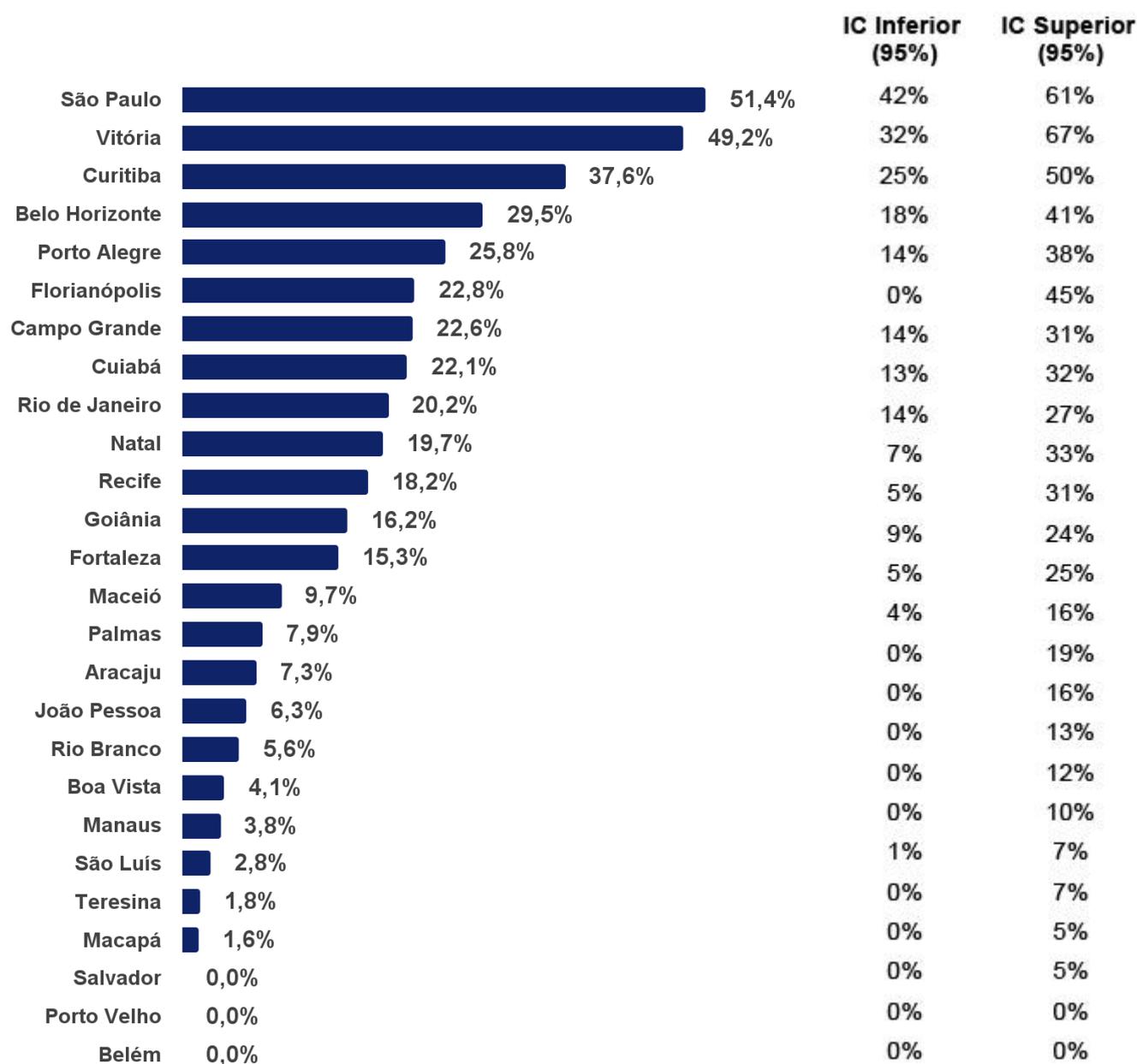
**Gráfico 21: Crianças de 0 a 3 anos com dificuldade de acesso à Creche por capital (2024 - em % - intervalos de confiança no Anexo)**



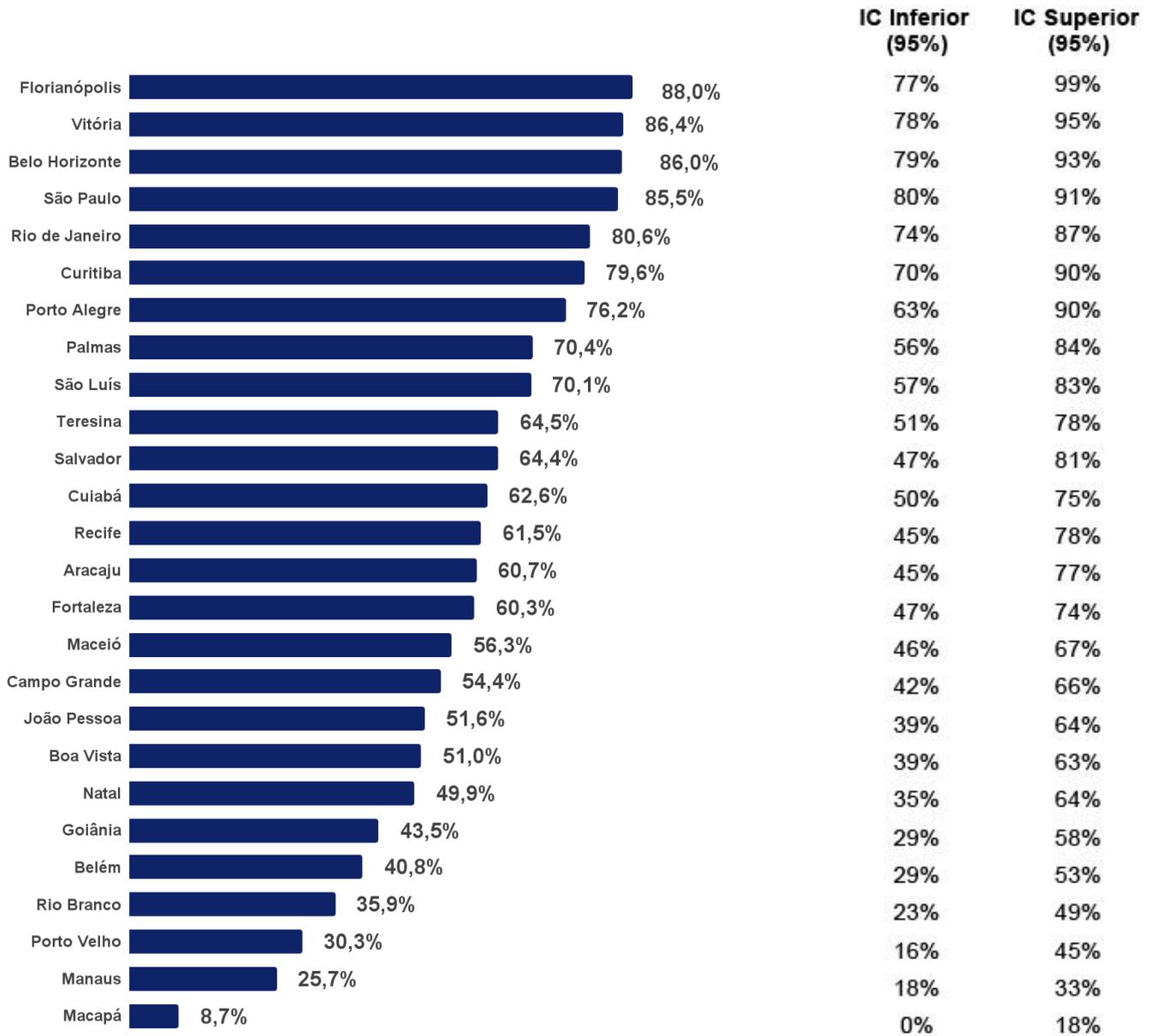
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação. Dificuldade de acesso definida por: falta de escola/creche ou escola distante; falta de vaga na escola/creche; a escola/creche não aceita a criança por causa da idade.

Para entender o tamanho do desafio no atendimento por faixa etária nas capitais, os gráficos 22 e 23 apresentam, respectivamente, as taxas de atendimento de 0 e 1 ano e de 2 e 3 anos. Vale lembrar, como já apresentado, que para a faixa 0 e 1 ano o Brasil ainda possui 24,8% de crianças fora das Creches por dificuldades de acessar o serviço. Na faixa etária de 2 e 3 anos, são 14,9%.

**Gráfico 22: Taxa de atendimento de crianças de 0 e 1 ano na Educação Infantil por capital (2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

**Gráfico 23: Taxa de atendimento de crianças de 2 e 3 anos na Educação Infantil por capital (2024)**


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

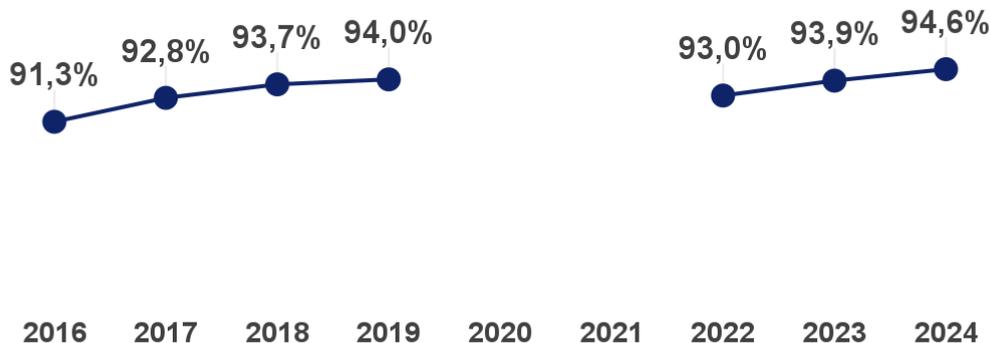
### 3. Acesso à Pré-escola

Esta seção apresenta o panorama do acesso à Pré-escola no Brasil no período de 2016 a 2024. São apresentadas também análises por unidade federativa e capitais brasileiras.

#### 3.1 Acesso à Pré-escola no Brasil

O acesso à Pré-escola, primeira etapa obrigatória da Educação Básica, avançou cerca de 3,3 p.p. entre 2016 e 2024, alcançando 94,6%, como mostra o gráfico 24. Isso quer dizer que, em números absolutos, mais de 329 mil crianças estão fora da Pré-escola, mesmo com a obrigatoriedade da etapa para as idades de 4 a 5 anos. Nesse sentido, apesar de estarmos próximos da universalização, ainda há necessidade de avanços nas políticas para garantir o atendimento dessas crianças na Educação Infantil.

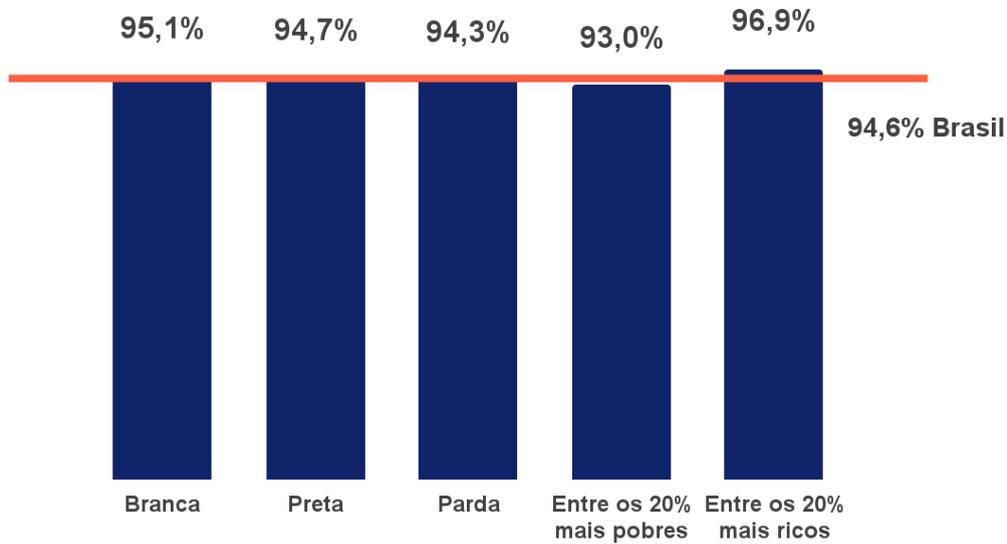
**Gráfico 24: Evolução da taxa de atendimento de crianças de 4 a 5 anos na Educação Infantil no Brasil (2016-2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

Considerando as desigualdades existentes no país, é necessário observar o acesso por grupos específicos. O gráfico 25 apresenta as taxas de atendimento de crianças de 4 a 5 anos com alguns recortes populacionais. Considerando o recorte racial, os percentuais de frequência das crianças brancas, pretas e pardas não apresentam grandes diferenças. Por outro lado, a análise por quintis de renda mostra que as crianças no grupo de menor renda possuem menos acesso à Pré-escola do que as crianças que estão nos 20% de maior renda, com uma diferença de quase 4 p.p.

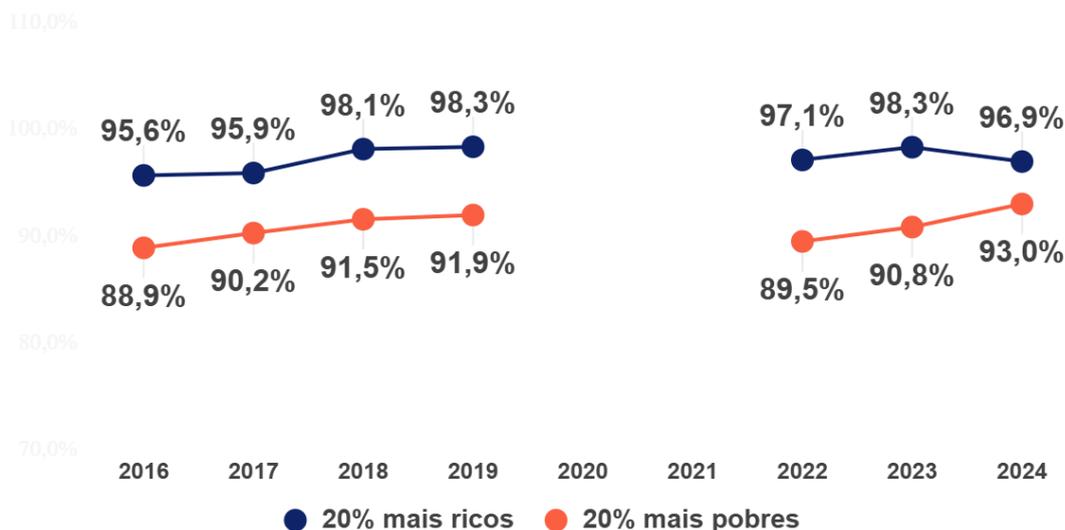
**Gráfico 25: Taxa de atendimento de crianças de 4 a 5 anos na Educação Infantil no Brasil por recortes de renda e raça/cor em 2024**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

Diferente do que ocorreu no acesso de crianças em idade de Creche, a desigualdade entre os mais ricos e os mais pobres no atendimento de crianças de 4 a 5 anos reduziu ao longo do período analisado, como mostra o gráfico 26. No entanto, cabe notar que parte disso é explicada pela redução observada na taxa de atendimento das crianças de famílias mais ricas, mas que o indicador de 2024 para essa população, embora menor, não é estatisticamente diferente daquele observado em 2023, considerando um intervalo de confiança de 95%.

**Gráfico 26: Evolução da taxa de atendimento de crianças de 4 a 5 anos por quintis opostos de renda (2016-2024)**

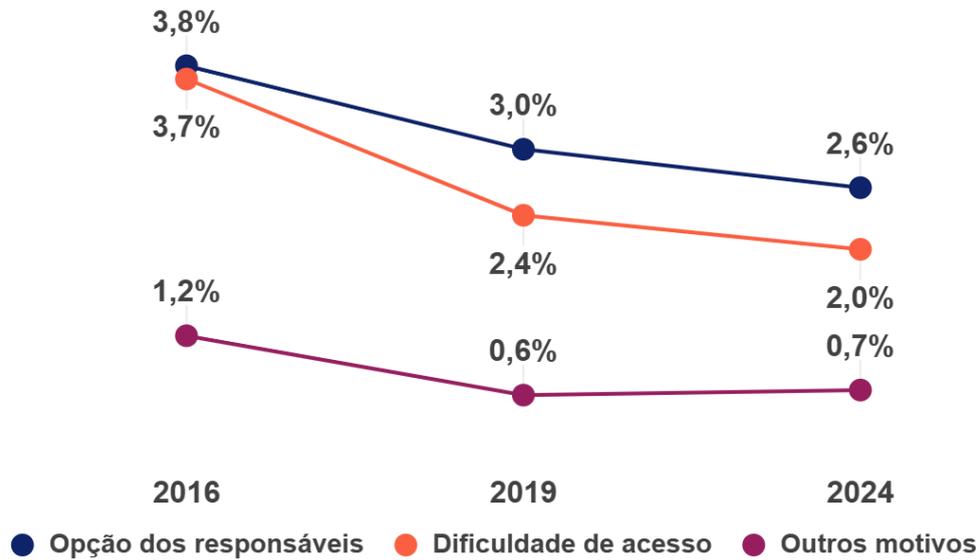


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

Em relação aos motivos para não atendimento de crianças de 4 a 5 anos, o percentual das que não estão na Educação Infantil por motivos relacionados à dificuldade de acesso e à opção dos responsáveis tem caído ao longo dos anos, como mostra o gráfico 27. No entanto, é importante destacar que a não frequência à Pré-escola por opção dos responsáveis ainda é o motivo mais presente, com 2,6%, mesmo com a obrigatoriedade da etapa. Esse dado demonstra a necessidade de busca ativa em articulação com outros setores, como assistência social e órgãos de justiça e proteção, para efetivação do direito à Educação Básica. De acordo com o levantamento nacional Retrato da Educação Infantil (MEC/Gaepe-Brasil), em 2024, 20% dos municípios brasileiros afirmaram não realizar nenhuma estratégia de identificação de crianças de 4 a 5 anos fora da Pré-escola<sup>5</sup>.

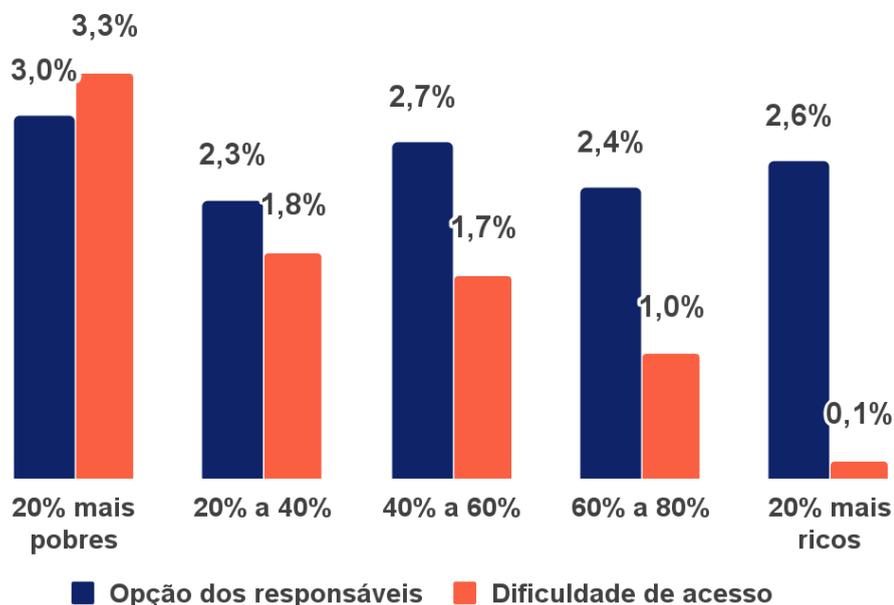
<sup>5</sup> Levantamento nacional *Retrato da Educação Infantil*, realizado em 2024 pelo Ministério da Educação e pelo Gaepe-Brasil, a partir de dados autodeclarados pelos municípios. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnei/RelatriodeConsolidaoRetratoEIMEC.pdf>

**Gráfico 27: Motivos de não frequentar a Pré-escola (2016-2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação. Dificuldade de acesso definida por: falta de escola/creche ou escola distante; falta de vaga na escola/creche; a escola/creche não aceita a criança por causa da idade. Outros motivos: falta de qualidade ou segurança das creches para crianças com deficiência; problema de saúde permanente da criança; falta de dinheiro para mensalidade, transporte, material, etc.

Observando o recorte por nível de renda, destaca-se que entre os 20% mais pobres, a dificuldade de acesso é o principal motivo pelo qual as crianças de 4 a 5 anos estão fora da Educação Infantil – entre os mais ricos, essa taxa é praticamente zero, como mostra o gráfico 28. Observa-se que a dificuldade de acesso diminui conforme o nível de renda aumenta, mas a não frequência por opção dos responsáveis se mantém relativamente parecida em todos os quintis de renda, com mais destaque entre os mais pobres.

**Gráfico 28: Motivos de não frequentar a Pré-escola por quintil de renda (2024)**


Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação. Dificuldade de acesso definida por: falta de escola/creche ou escola distante; falta de vaga na escola/creche; a escola/creche não aceita a criança por causa da idade.

## 3.2 Acesso à Pré-escola por unidade federativa (UF)

Nesta seção, são apresentados os dados de atendimento de crianças de 4 a 5 anos por unidade federativa. Assim como anteriormente, como nessa desagregação a margem de erro da Pnad-Contínua (IBGE), que é uma pesquisa amostral, é mais elevada do que nos dados nacionais vistos na seção anterior, os resultados são trazidos junto a seus intervalos de confiança de 95%. Esse intervalo significa que, se a pesquisa fosse repetida muitas vezes, em 95 de cada 100 vezes os resultados cairiam dentro da faixa que o IBGE apresenta.

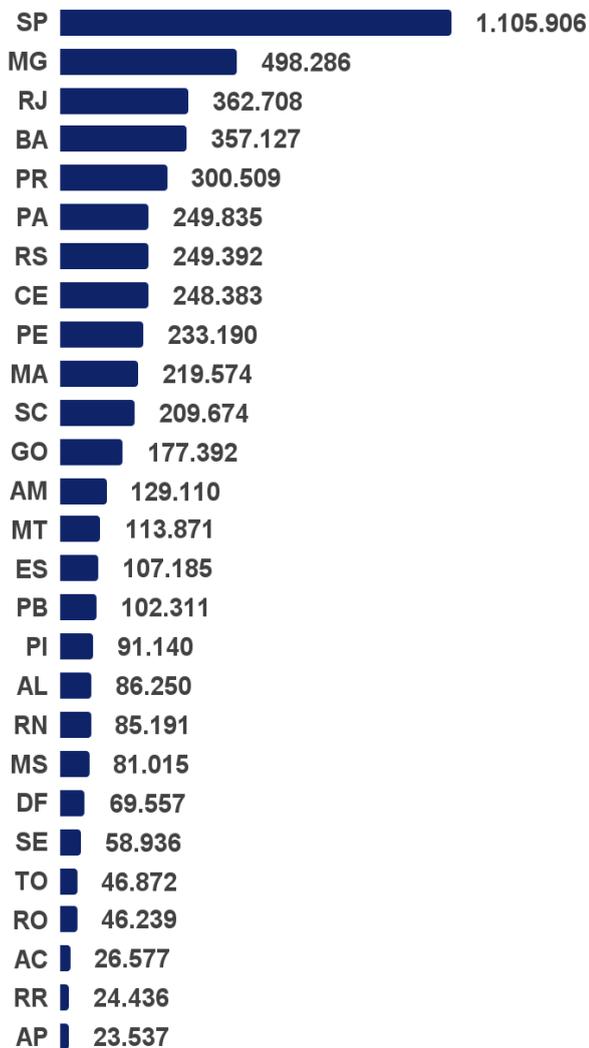
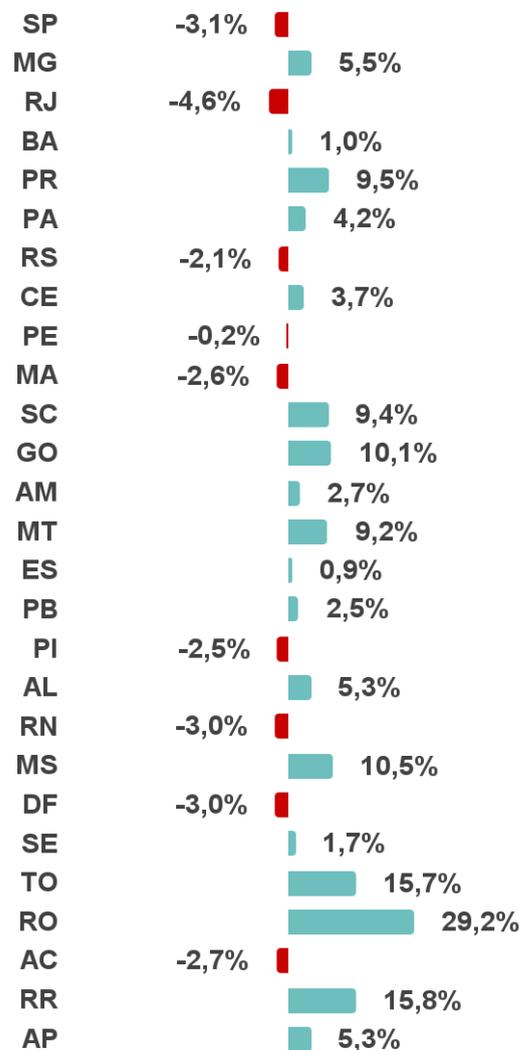
Apesar da obrigatoriedade da Pré-escola, os dados sobre o atendimento de crianças de 4 a 5 anos por unidade federativa (UF) revelam uma desigualdade expressiva. Embora essa disparidade seja menos acentuada do que a verificada no atendimento a crianças de 0 a 3 anos, ela permanece significativa. **Apenas o estado do Piauí conseguiu alcançar a universalização do acesso nessa faixa etária** – com uma grande distância do Amapá, que apresenta uma taxa de 69,8% de crianças atendidas, como indicado no gráfico 29.

**Gráfico 29: Taxa de atendimento de 4 a 5 anos na Educação Infantil por UF (2024)**

		<b>IC Inferior (95%)</b>	<b>IC Superior (95%)</b>
PI	100,0%	100%	100%
SE	97,4%	95%	100%
BA	97,3%	95%	99%
TO	97,0%	95%	99%
MT	96,7%	95%	98%
PE	96,5%	95%	98%
RN	96,4%	94%	99%
CE	96,3%	94%	98%
MG	96,0%	95%	97%
RJ	95,8%	94%	97%
MA	95,4%	94%	97%
ES	95,3%	93%	97%
AL	95,2%	93%	97%
PR	95,2%	93%	97%
SP	95,2%	94%	97%
SC	95,2%	94%	97%
DF	94,8%	94%	95%
<b>Brasil</b>	<b>94,6%</b>	<b>91%</b>	<b>98%</b>
PA	93,3%	90%	96%
GO	92,7%	91%	95%
PB	92,0%	88%	96%
MS	90,8%	87%	94%
RS	90,7%	88%	94%
RR	90,0%	86%	94%
RO	85,4%	79%	91%
AM	84,9%	81%	89%
AC	82,0%	77%	87%
AP	69,8%	61%	79%

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

A partir dos dados do Censo Escolar, é possível observar a evolução dos números de matrículas de Pré-escola por estado, como mostra o gráfico 31. É preocupante que em estados com baixas taxas de atendimento de crianças de 4 a 5 anos a evolução no número de matrículas tenha sido tão tímida ou, até mesmo, tenha reduzido, como é o caso do Acre.

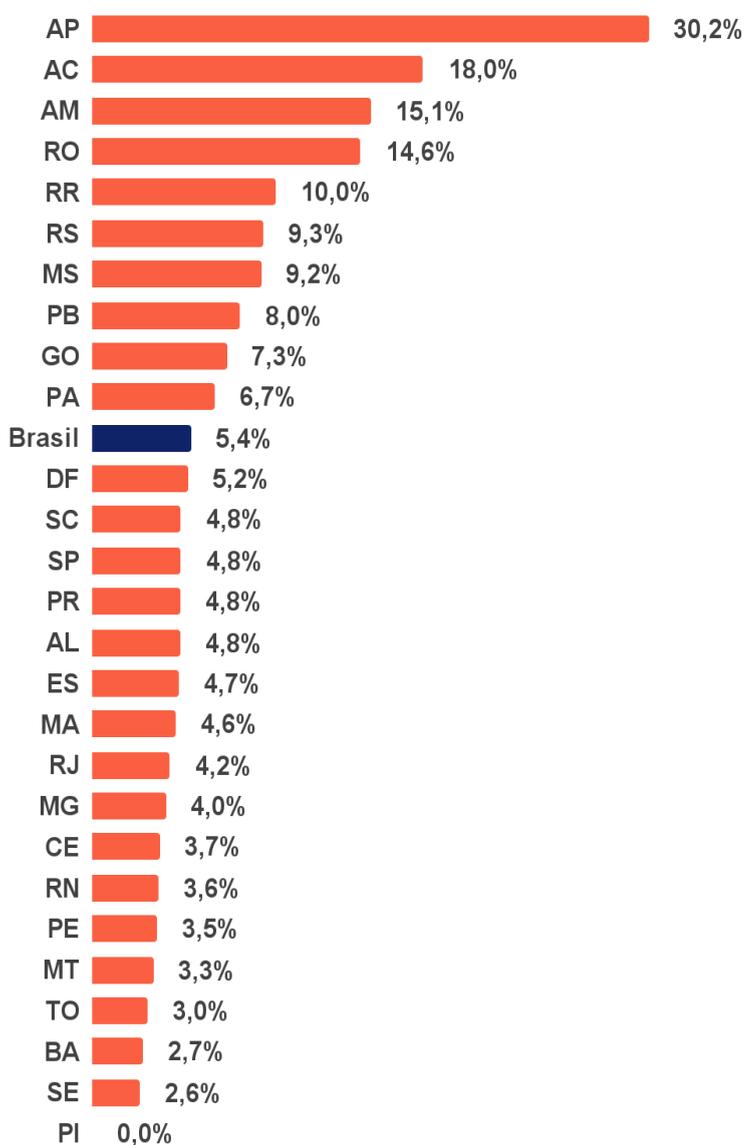
**Gráfico 30: Número de matrículas em Pré-escola por UF (2024)**

**Gráfico 31: Evolução do número de matrículas em Pré-escola por UF, 2019-2024 (em p.p.)**


Fonte: Censo Escolar da Educação Básica (Inep). Elaboração: Todos Pela Educação.

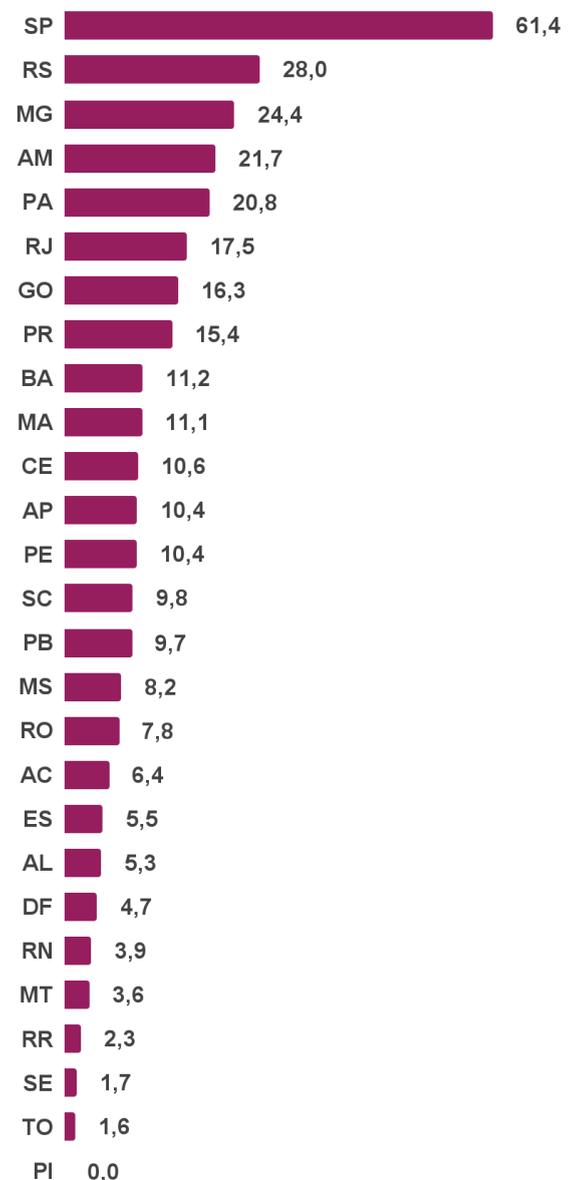
Diferente do que acontece para crianças de 0 a 3 anos, em que o foco está naquelas que demandam o serviço, toda criança de 4 a 5 anos deve estar na Pré-escola. Dessa forma, dada a obrigatoriedade da etapa, é preciso considerar a não frequência independentemente do motivo. Nesse sentido, o gráfico 32 apresenta o percentual de crianças de 4 a 5 anos que não frequentam a Pré-escola, seja por dificuldade de acesso, opção dos responsáveis ou por qualquer outro motivo. Como é possível observar, as desigualdades regionais são evidentes: os cinco estados com os maiores percentuais de crianças fora da Pré-escola são todos da região Norte.

Já em relação ao número absoluto de crianças fora da Educação Infantil, os maiores estados ainda se destacam, como mostra o gráfico 33.

**Gráfico 32: Percentual de crianças de 4 a 5 anos que não frequentam a Pré-escola por UF (2024 - em % - intervalos de confiança no Anexo)**



**Gráfico 33: Estimativa do número de crianças de 4 a 5 anos que não frequentam a Pré-escola por UF, em milhares (2024)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

### 3.3 Acesso à Pré-escola por capital

Esta seção apresenta dados de atendimento de crianças de 4 a 5 anos nas capitais brasileiras. Como nessa desagregação a margem de erro da Pnad-Contínua (IBGE), que é uma pesquisa amostral, é mais elevada do que nos dados nacionais vistos na seção anterior, os resultados são trazidos junto a seus intervalos de confiança de 95%. Esse intervalo significa que, se a pesquisa fosse repetida muitas vezes, em 95 de cada 100 vezes os resultados cairiam dentro da faixa que o IBGE apresenta. Nesse sentido, a comparação entre capitais deve ser feita com cautela.

Como mostra o gráfico 34, há uma disparidade significativa entre as capitais de maior e menor taxa de atendimento de crianças de 4 a 5 anos: Teresina e Vitória, que universalizaram o acesso, estão significativamente acima da capital com a menor taxa de atendimento, Porto Velho, que tem apenas 60,1% das crianças de 4 a 5 anos atendidas.

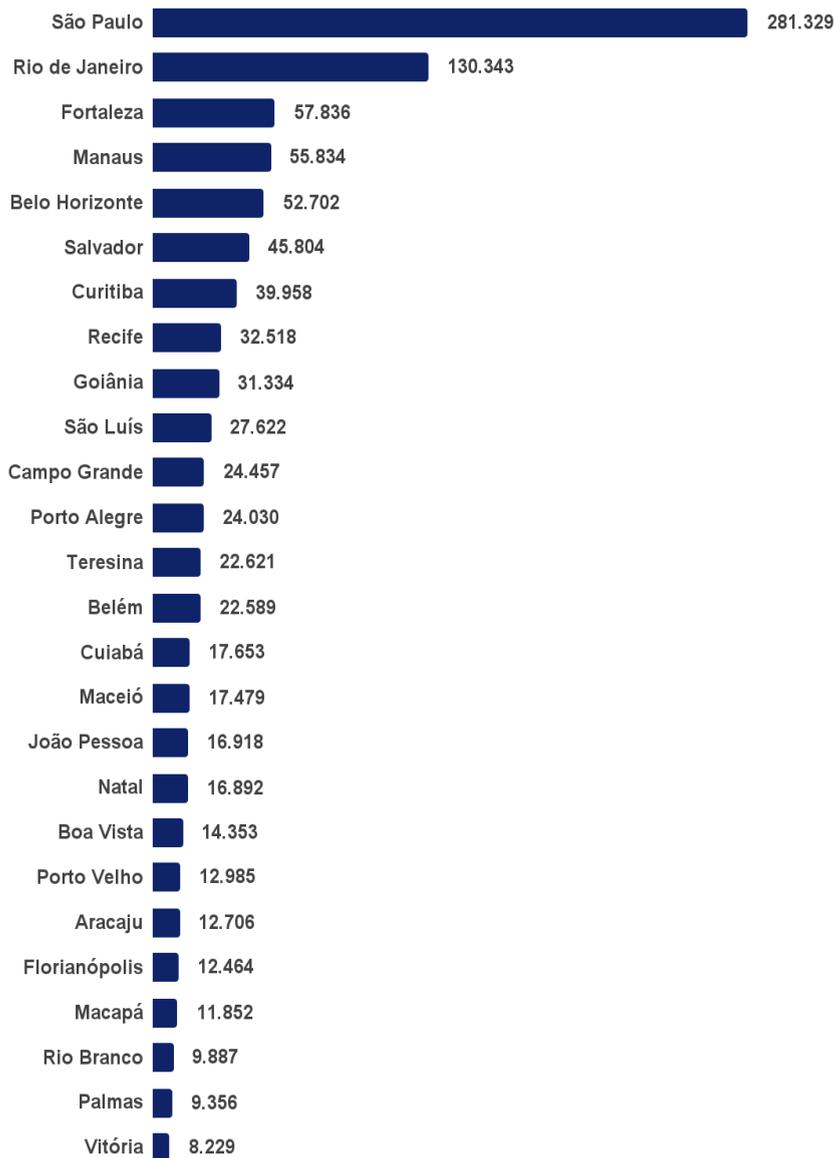
**Gráfico 34: Taxa de atendimento de 4 a 5 anos na Educação Infantil, por capital (2024)**

		IC Inferior (95%)	IC Superior (95%)
Teresina	100,0%	100%	100%
Vitória	100,0%	100%	100%
Salvador	98,1%	95%	100%
Recife	97,6%	93%	100%
Belo Horizonte	97,1%	94%	100%
Florianópolis	96,8%	91%	100%
Curitiba	96,6%	93%	100%
Rio de Janeiro	96,3%	94%	99%
Palmas	95,7%	88%	100%
São Paulo	95,5%	92%	99%
Brasil	94,6%	94%	95%
Aracaju	93,6%	87%	100%
Cuiabá	92,3%	85%	99%
Fortaleza	91,8%	85%	98%
Natal	90,9%	83%	98%
Campo Grande	90,9%	85%	97%
Rio Branco	90,4%	83%	97%
Boa Vista	90,0%	85%	95%
Maceió	89,9%	84%	96%
São Luís	89,2%	82%	96%
João Pessoa	87,2%	78%	96%
Belém	86,2%	76%	97%
Goiânia	84,7%	76%	93%
Manaus	83,4%	78%	89%
Porto Alegre	79,9%	70%	90%
Macapá	71,7%	61%	83%
Porto Velho	60,1%	43%	77%

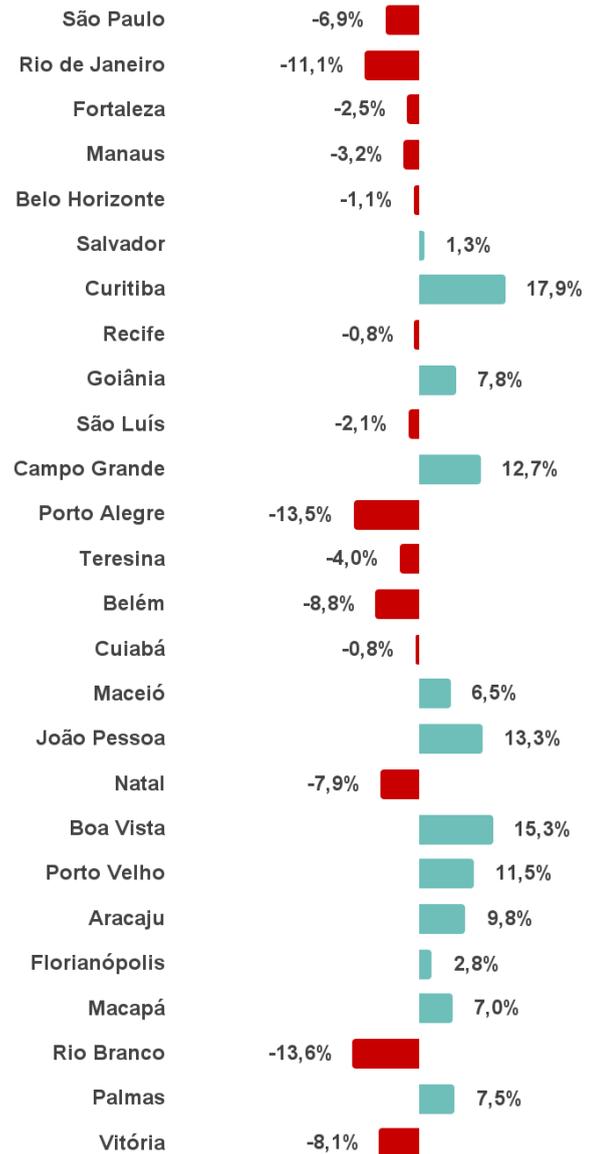
Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C). Elaboração: Todos Pela Educação.

Considerando os dados do Censo Escolar, é possível observar que 14 capitais tiveram queda no número de matrículas de Pré-escola entre 2019 e 2024, como mostra o gráfico 36.

**Gráfico 35: Número de matrículas em Pré-escola na Educação Infantil por capital**



**Gráfico 36: Evolução do número de matrículas em Pré-escola por capital (2019-2024)**



Fonte: Censo Escolar da Educação Básica (Inep). Elaboração: Todos Pela Educação.

## 4. Considerações finais

Este estudo analisou a evolução do acesso à Creche e à Pré-escola entre os anos de 2016 e 2024, com recortes por nível socioeconômico, UFs e capitais, e trouxe dados sobre os principais fatores que explicam o não atendimento de crianças na Educação Infantil, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C) e do Censo Escolar.

Ainda que haja avanços a serem reconhecidos, o ritmo de expansão do acesso à Educação Infantil segue abaixo do necessário para o cumprimento das metas estabelecidas pelo atual Plano Nacional de Educação (PNE), especialmente com relação ao acesso à Creche. Persistem desafios estruturais e desigualdades profundas no acesso à Educação Infantil, que atingem de forma mais crítica crianças em situação de maior vulnerabilidade.

Diante deste cenário, a expansão do acesso à Educação Infantil com foco na equidade deve ser uma prioridade nacional. Isso exige ações coordenadas, com políticas indutoras robustas, financiamento adequado e fortalecimento do regime de colaboração entre União, estados e municípios. Nesse sentido, a instituição do Compromisso Nacional pela Qualidade e Equidade na Educação Infantil (Conaquei) e da Política Nacional Integrada para a Primeira Infância pelo governo federal em julho e agosto de 2025 representa um passo importante, ao apontar para uma estratégia nacional articulada.

Ainda, o Projeto de Lei do novo Plano Nacional de Educação, atualmente em tramitação, estabelece metas ainda mais ambiciosas para a próxima década, como o atendimento de 60% das crianças de 0 a 3 anos em Creches. Sem a adoção de políticas estruturantes para a expansão com qualidade e equidade, o Brasil continuará privando uma parcela significativa de suas crianças do direito à Educação Infantil e, portanto, ao pleno desenvolvimento em seus primeiros anos de vida.

Em conclusão, é urgente que a expansão do acesso à Creche e à Pré-escola seja tratada como uma prioridade no país. Garantir o direito à Educação Infantil de qualidade, com olhar atento para a redução das desigualdades é imprescindível para a construção de um país mais justo e com oportunidades para todas as crianças desde o início de suas trajetórias escolares.

## 5. Anexos

Considerando que a desagregação dos dados da Pnad Contínua para os níveis de estados e capitais implica elevação da margem de erro da Pnad Contínua, esta seção de Anexos apresenta os intervalos de confiança de 95%. Esse intervalo significa que, se a pesquisa fosse repetida muitas vezes, em 95 de cada 100 vezes os resultados cairiam dentro da faixa que o IBGE apresenta na pesquisa.

### 5.1 Intervalo de confiança de dados – Gráfico 14

**Crianças de 0 a 3 anos com dificuldade de acesso à Creche por UF (2024)**

UF	Dificuldade de acesso (0-3 anos)	IC Inferior (95%)	IC Superior (95%)
<b>Acre</b>	44,4%	38%	51%
<b>Roraima</b>	36,9%	31%	43%
<b>Maranhão</b>	33,8%	31%	37%
<b>Pará</b>	33,5%	29%	38%
<b>Amapá</b>	31,7%	20%	44%
<b>Amazonas</b>	30,4%	26%	35%
<b>Pernambuco</b>	27,4%	23%	31%
<b>Piauí</b>	27,4%	22%	33%
<b>Bahia</b>	26,7%	23%	31%
<b>Goiás</b>	23,5%	19%	28%
<b>Ceará</b>	23,0%	20%	27%
<b>Espírito Santo</b>	21,5%	18%	25%
<b>Minas Gerais</b>	20,7%	18%	24%
<b>Brasil</b>	19,7%	19%	20%
<b>Rondônia</b>	19,4%	14%	25%
<b>Rio Grande do Norte</b>	19,4%	15%	24%
<b>Paraíba</b>	18,4%	14%	23%
<b>Mato Grosso do Sul</b>	17,8%	14%	22%
<b>Rio Grande do Sul</b>	17,6%	15%	20%
<b>Paraná</b>	17,5%	14%	21%
<b>Tocantins</b>	17,5%	13%	22%
<b>Alagoas</b>	17,1%	14%	20%
<b>Distrito Federal</b>	15,9%	11%	21%
<b>Mato Grosso</b>	15,4%	12%	19%
<b>Sergipe</b>	14,6%	10%	20%
<b>Rio de Janeiro</b>	14,4%	12%	17%
<b>Santa Catarina</b>	12,1%	10%	14%
<b>São Paulo</b>	9,4%	7%	12%

## 5.2 Intervalo de confiança de dados – Gráfico 21

Crianças de 0 a 3 anos com dificuldade de acesso à Creche por capital (2024)

Capitais	Dificuldade de acesso	IC Inferior (95%)	IC Superior (95%)
Boa Vista	39,1%	30%	48%
Rio Branco	34,0%	26%	42%
Macapá	28,2%	10%	46%
Goiânia	26,9%	18%	36%
Salvador	26,1%	14%	38%
Recife	24,4%	14%	35%
Aracaju	20,7%	12%	30%
Teresina	20,0%	12%	28%
Brasil	19,7%	19%	20%
Cuiabá	19,6%	12%	27%
Porto Alegre	19,2%	11%	27%
Maceió	18,9%	12%	26%
Manaus	17,9%	12%	24%
Palmas	14,8%	6%	24%
Rio de Janeiro	14,3%	10%	19%
Belém	13,9%	9%	19%
Curitiba	13,2%	7%	19%
Campo Grande	12,7%	7%	19%
Fortaleza	11,8%	6%	18%
São Luís	11,8%	5%	18%
Porto Velho	11,5%	4%	19%
João Pessoa	10,3%	4%	17%
Florianópolis	7,0%	0%	15%
Vitória	6,8%	0%	13%
Natal	6,3%	2%	11%
Belo Horizonte	4,2%	0%	8%
São Paulo	2,5%	1%	4%

## 5.3 Intervalo de confiança dos dados – Gráfico 32

Percentual de crianças de 4 a 5 anos que não frequentam a Pré-escola por UF (2024)

UF	Não frequenta (4-5 anos)	IC Inferior (95%)	IC Superior (95%)
<b>Amapá</b>	30,2%	21%	39%
<b>Acre</b>	18,0%	13%	23%
<b>Amazonas</b>	15,1%	11%	19%
<b>Rondônia</b>	14,6%	9%	21%
<b>Roraima</b>	10,0%	6%	14%
<b>Rio Grande do Sul</b>	9,3%	6%	12%
<b>Mato Grosso do Sul</b>	9,2%	6%	13%
<b>Paraíba</b>	8,0%	4%	12%
<b>Goiás</b>	7,3%	5%	10%
<b>Pará</b>	6,7%	4%	9%
<b>Brasil</b>	5,4%	5%	6%
<b>Distrito Federal</b>	5,2%	2%	9%
<b>Santa Catarina</b>	4,8%	3%	6%
<b>São Paulo</b>	4,8%	3%	6%
<b>Paraná</b>	4,8%	3%	7%
<b>Alagoas</b>	4,8%	3%	7%
<b>Espírito Santo</b>	4,7%	3%	7%
<b>Maranhão</b>	4,6%	3%	6%
<b>Rio de Janeiro</b>	4,2%	3%	6%
<b>Minas Gerais</b>	4,0%	3%	5%
<b>Ceará</b>	3,7%	2%	6%
<b>Rio Grande do Norte</b>	3,6%	1%	6%
<b>Pernambuco</b>	3,5%	2%	5%
<b>Mato Grosso</b>	3,3%	2%	5%
<b>Tocantins</b>	3,0%	1%	5%
<b>Bahia</b>	2,7%	1%	5%
<b>Sergipe</b>	2,6%	0%	5%
<b>Piauí</b>	0,0%	0%	0%

